Ca fun dó

No mês do Centenário da Abolição, a história de uma comunidade negra do interior de São Paulo que mantém intactas antigas tradições africanas. O Cafundó mereceu, há alguns anos, um sério estudo de pesquisadores da Unicamp. *Página 3.*

JORNAL DA Unicamp

Campinas, maio de 1988 Ano II — N.º 20

Unicamp aguarda Mundial de Volêi

Com uma partida de basquete (Brasil x Cuba), o ginásio da Unicamp fez sua estréia no circuito esportivo internacional. Daqui a dois anos receberá os cobras do vôlei mundial. *Página 9.*

Os brasileiros de olhos puxados

Em junho faz oito décadas que o transatlântico Kasato Maru trouxe os primeiros imigrantes japoneses. Hoje o Brasil já não seria o mesmo sem eles. *Página 5.*

Matemática busca descobrir novos talentos

Indicados por suas próprias escolas, 45 alunos de 2.º grau de Campinas participam de um projeto especial do Instituto de Matemática da Unicamp. Todos têm uma característica: são ótimos em Matemática. O objetivo do projeto: dar a eles a oportunidade de um desenvolvimento à altura de seu talento. **Página 8.**

Opinião

A resposta aos desafios do presente

Eduardo José Pereira Coelho

No próximo dia 18 de maio, assumo a Presidência do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras — CRUB — em substituição a seu atual presidente, o reitor Rodolfo Joaquim Pinto da Luz, da Universidade Federal de Santa Catarina. A tarefa não é fácil, ante a complexidade do contexto atual do País e os problemas que desafiam a Universidade brasileira. A pedido do "Jornal da Unicamp", passo a expor, a seguir, alguns dos pontos básicos com que espero nortear minha administração em consonância com as reflexões e as posições históricas do Conselho. Em meio às ativas atuações que o Conselho deve assumir, frente à conjuntura, alguns pontos devem ser priorizados em programa objetivo, concreto e factível. O primeiro deles é a luta pelo exercício efetivo da autonomia universitária nos planos didático, científico, financeiro e administrativo. Essa autonomia — que não deve ser confundida com soberania e isolamento da Universidade em relação à sociedade, mas sim exercida para que se concretizem os compromissos da Universidade com o desenvolvimento do País e de sua população — tem sido constantemente ameaçada, o que requer uma competente e contínua atuação política do CRUB junto aos órgãos governamentais e à classe política, em defesa da Universidade.

Garantir boas condições para o funcionamento das Universidades Federais significa preservar a importância de uma conquista histórica da sociedade brasileira e um passo importante na defesa do papel de toda a Universidade brasileira, cuja competência e compromisso social permitiram a formulação de alternativas para o desenvolvimento do País nas áreas de Educação, Ciência, Tecnologia e Cultura, e em outras áreas prioritárias em harmonia com os anseios legítimos da sociedade em contínua transformação.

As Universidades Estaduais e Municipais e as Universidades Comunitárias terão o apoio do CRUB para a obtenção de recursos correspondentes a 30% dos seus orçamentos anuais, em cumprimento a decisões anteriores do Conselho, para a aplicação em projetos específicos de qualificação institucional.

Tais questões demandarão continuidade da política de ação do CRUB junto à Assembléia Nacional Constituinte, visando garantir a vinculação de recursos mínimos de 18% da União e 25% dos Estados e Municípios, no texto da Constituição, no capítulo relativo à Educação.

Uma vez definido o texto constitucional, o CRUB continuará priorizando as discussões para a elaboração da nova Lei de Diretrizes e Bases e do Plano Nacional de Educação, em articulação com os demais níveis de ensino e através de Seminários Nacionais amplamente participativos.

O CRUB se incumbirá da organização do Congresso da Associação Internacional de Universidades (AIU), a realizar-se de 1.° a 5 de agosto na cidade do Rio de Janeiro, um evento de alta relevância e complexidade, pela primeira vez organizado no Brasil. A este encontro estarão presentes cerca de 400 reitores de todo o mundo, gerando oportunidades de intercâmbio favorecidas por política que o Conselho igualmente adotará com outras associações internacionais, visando geração de sistemas de informação, troca de experiências nas áreas da administração universitária, da avaliação institucional e em outras áreas específicas, que propiciem aperfeiçoamento institucional.

O CRUB estará implementando os Centros de Estudos do Ensino Superior e de Comunicação da Universidade Brasileira, com o objetivo de refletir questões de interesse nacional, divulgando o produto desse trabalho para a Universidade e a sociedade, além dos projetos e programas desenvolvidos pelas instituições de ensino superior, muitas vezes não divulgados pelos meios de comunicação social. O que não permite uma avaliação condizente da sociedade e facilita ação deletéria dos que intentam atacar a Universidade.

A revista "Educação Brasileira", a série "Estudos e Debates" e o "Boletim Informativo" serão os mecanismos adotados para explicitarmos a produção e os valores da Universidade brasileira e para a busca de projetos educacionais mais solidamente definidos, em meio à multiplicidade de perfis e modelos de Universidades.

O CRUB planeja realizar, ainda, em 1988, seminários sobre os vestibulares, para sondagem dos mecanismos atuais e busca de formas novas e competentes de avaliação de mérito e democratização do acesso ao ensino superior. Urge discutir também o SUDS (Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde), seja no tocante aos benefícios para a ampliação do atendimento à saúde da população, seja no tocante aos problemas hoje enfrentados, sobretudo no que se refere ao papel dos hospitais universitários como referências regionais dentro da nova política de saúde.

Continuaremos o programa de intercâmbio com a Organização Universitária Interamericana (OUI) para a realização de cursos conjuntos sobre administração universitária e de novos programas de cooperação a serem desenvolvidos. A Assessoria Internacional do CRUB tratará de dar ampla cobertura e apoio logístico aos convênios que as Universidades brasileiras e o CRUB já mantêm ou ampliarão com outras associações internacionais ou universidades.

Eduardo José Pereira Coelho é reitor da PUC de Campinas e presidente recém-eleito do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB).

Tal projeto extrapola e complementa as ações de intercâmbio entre as Universidades brasileiras, através de um programa de crescente relacionamento do sistema universitário, nas áreas de compra de materiais e equipamentos, avaliação conjunta, aperfeiçoamento de recursos humanos, geração de banco de dados, programas conjuntos de debates e reflexões, intercâmbio de docentes etc.

Faz parte do projeto dar continuidade à política de aproximação com empresas, visando o fomento à pesquisa, o oferecimento de campos de estágio aos estudantes, o oferecimento de serviços na área da inovação tecnológica, sempre respeitada a autonomia universitária.

Os desafios do atual contexto histórico são enormes. Sua superação demandará trabalho conjunto da Presidência e de todos os reitores ligados ao CRUB, bem como a preservação do diálogo constante com a Andes, a Fasubra e a UNE.

As ações do Conselho, para que possam produzir efeitos, demandam grande determinação e ao mesmo tempo maior vontade política do governo no sentido de priorizar decisivamente a Educação.

A propósito do relatório do biênio

Eliézer Rizzo de Oliveira

O Relatório de Gestão (1986-1988) referente à primeira metade do mandato do reitor Paulo Renato Costa Souza, e por ele apresentado ao Consu, corresponde a uma análise de uma complexa estrutura de ensino, pesquisa, extensão e administração acionada pela vontade política da Reitoria, Unidades acadêmicas e administrativas, Núcleos e Centros, a qual se traduz, de seu lado, na força social de trabalho, competência e responsabilidade social da Unicamp.

As linhas gerais contidas neste Relatório haviam sido apresentadas ao debate da comunidade universitária no processo de escolha do Reitor. De fato, cabe lembrar que em "Unicamp: democracia e qualidade" o então candidato a reitor definiu o caminho pelo qual sugeria o desenvolvimento da Universidade. Confrontando agora os dois documentos, é possível estabelecer a situação em que se encontraram as metas estabelecidas na plataforma eleitoral.

Conforme havia sido postulado, concluiu-se o processo de institucionalização dos mecanismos decisórios, tendo-se preservado aquilo que foi considerado grande legado da Unicamp: a imperiosa necessidade de mecanismos flexíveis de gestão, o respeito aos avanços anteriormente obtidos na carreira docente e a preservação e ampliação da qualidade das diversas funções acadêmicas e administrativas. A atual Reitoria aprofundou este processo ao constituir o Consu (precedido pela criação das cinco Pró-Reitorias no âmbito do antigo Conselho Diretor), e tal constituição representa a afirmação da autonomia da Universidade, tendo a Unicamp conseguido seguir sua trajetória sem os constrangimentos da formulação estatutária anterior, de forte tom centralizador de direitos, prerrogativas e funções. A fórmula adotada democratizou o órgão superior da Unicamp ao ampliar as representações docente e discente, ao fixar novos critérios para a representação externa, ao contemplar pela primeira vez a representação dos funcionários e ao instituir um sistema equilibrado e ágil de deliberação bicameral.

A vida institucional deve tratar agora de pautar-se pelas regras assim estabelecidas, evitando-se a adoção de uma postura política que pretende tudo mudar em qualquer hora. Tal postura, em nome de pretensos avanços democráticos, simplesmente impediria que se consolidassem as regras democráticas forjadas ao longo de um processo participativo de negociação em consonância com a vontade política majoritária da Unicamp. E cabe precisamente a esta vontade política uma boa parcela da responsabilidade pelo respeito ao que ela mesma gerou.

Outro ponto de estrangulamento que agora está sendo enfrentado é a Administração. A descentralização em curso, especialmente na definição e execução do orçamento, tem o significado político da desconcentração de poderes e, em conseqüência, maior passa a ser o âmbito de decisão das Unidades. Alguns frutos já foram colhidos e outros o serão brevemente: até o final da gestão terá sido implantada a reforma administrativa.

É bastante significativo o desenvolvimento das áreas de serviços e de apoio às atividades acadêmicas, conforme o que está demonstrado no capítulo V no tocante ao Cemeq, Ceb, Centro de Comunicação, Apeu, Bibliotecas, entre outros itens. Caminhou-se também na área social (onde se destacam a criação da Pré-Escola, a organização do Supletivo, a melhoria do atendimento médico e a ampliação das vagas nas creches), na área cultural e nos programas de saneamento, habitação e saúde desenvolvidos em convênios com várias Prefeituras, ou ainda, os programas de construção das moradias para funcionários e estudantes.

Merecem particular atenção as indicações de investimentos e o rico material relativo ao ensino e pesquisa, através dos quais são expostos ao conhecimento e ao debate tanto os méritos quanto as dificuldades nas áreas de Graduação, Pós-Graduação etc., além da análise do significado e repercussões do novo vestibular da Unicamp.

O capítulo dedicado à política de pesquisas retrata o conjunto de mudanças, adaptações, iniciativas, integração de áreas, criação de novos programas, recursos e procedimentos que caracterizam a estrutura de pesquisa da Unicamp. E, no tocante aos Núcleos e Centros, o acervo de sua experiência e produção propicia uma aproximação à tarefa de sua institucionalização.

Como se vê, trata-se de um processo cujo nexo é a descentralização do poder e a democratização da tomada de decisões, as quais se ligam às características da política de direção da Universidade. Em primeiro lugar, há claros indícios da ampliação da representatividade e do reconhecimento que fundamentaram a eleição do Reitor ao longo desta fase de seu mandato. A negociação permanente com as Unidades através dos diretores e a publicidade com que são tratados os temas inerentes à atividade de direção, certamente contribuem para que isto ocorra. A implantação desta publicidade funciona tanto com a divulgação das informações (a exemplo dos diversos comunicados aos funcionários e docentes sobre salários e carreiras e das comissões especiais que coordenaram a solução de focos de injustiça funcional) quanto na tomada de decisões, através do que se obtém a corresponsabilidade dos diversos agentes e setores envolvidos. Em segundo lugar, a Reitoria tem empregado amplos esforços para obter recursos extra-orçamentários de modo a poder incentivar a abertura de novas áreas e incentivar as já existentes, esforço traduzido, por exemplo, no programa apresentado ao BID. Em terceiro lugar, a direção da Universidade, através do Reitor, tem ocupado espaço importante na imprensa e nas tribunas universitárias como Cruesp e Crub. Em quarto lugar, a disposição de divulgar a produção da Universidade através dos documentos da Pró-Reitoria de Pesquisa e deste Relatório, o que não deixa de constituir um processo de avaliação da Universidade. Em quinto lugar, o empenho para a permanente valorização salarial dos funcionários e docentes, incluindo negociações com o governo do Estado, empenho que por vezes é equivocadamente interpretado como uma atitude de desprestígio ao movimento docente. Em sexto lugar, a capacidade de definir e escalonar objetivos, de modo a fazer com que a solução de um problema contribua para a superação de outros. Finalmente, em várias oportunidades, o Reitor tem abordado o tema do futuro da Universidade e de suas responsabilidades, em face aos desafios que se colocam

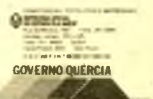
Eliézer Rizzo de Oliveira é professor de ciências políticas e chefe de gabinete da Reitoria da Unicamp.

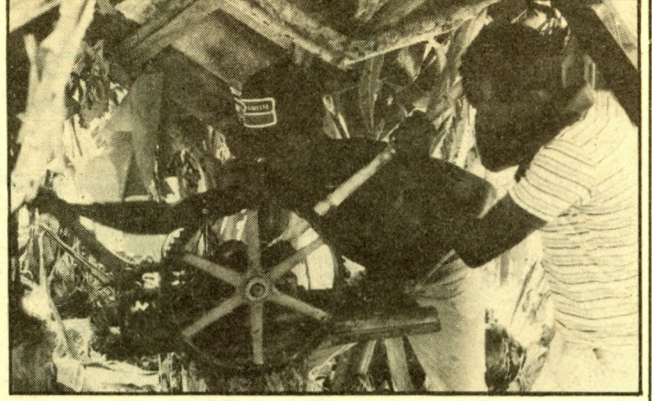
ao país nos mais variados planos da vida nacional. Na verdade, esta postura faculta à comunidade universitária a percepção dos objetivos e da condução da política de direção da Unicamp, de maneira a reforçar seu comprometimento com sua instituição.

Este Relatório contém lacunas e, provavelmente, avaliações imprecisas sobre algumas áreas. Deve-se dizer que ele procurou destacar o que de novo passou a existir na área acadêmica. Acrescente-se a dificuldade de coleta de informações, sem as quais é impossível elaborar um documento deste porte. Todavia, a experiência atual ajudará na elaboração dos próximos relatórios que deverão ser anuais. O mais relevante, e que merece ser adequadamente apreendido, é que se trata de uma prestação de contas da Reitoria à Universidade e desta à sociedade que lhe fornece os meios de existência e os desafios e estímulos ao seu desenvolvimento.

Jornal da Unicamp

Uma publicação da Universidade Estadual de Campinas
Reitor — Paulo Renato Costa Souza
Coordenador Geral da Universidade — Carlos Vogt
Pró-reitor de Graduação — Antônio Mário Sette
Pró-reitor de Pós-Graduação — Bernardo Beiguelman
Pró-reitor de Pesquisa — Hélio Waldman
Pró-reitor de Extensão — José Carlos Valladão de Mattos
Pró-reitor de Desenvolvimento — Ubiratan D'Ambrósio
Este jornal é elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081, Campinas, SP. Telefones: (0192) 39-3134/39-3148. Telex (019) 1150.
Editor: Eustáquio Gomes (Mtb 10.734)
Redatores: Amarildo Carnicel (Mtb 15.519), Antônio Roberto Fava (Mtb 11.713), Graça Caldas (Mtb 12.918), Paulo César do Nascimento (Mtb 14.812) e Roberto Costa (Mtb 13.751).
Fotografia: Antoninho Perri (Mtb 828)
Ilustração: Oséas de Magalhães
Diagramação: Amarildo Carnicel e Roberto Costa
Paste Up e Arte Final: Oséas de Magalhães e Clara Eli Salinas
Serviços Técnicos: Sônia Regina T.T. Pais, Clara Eli Salinas e Hélio Costa Júnior.

GOVERNO QUÉRCIA

Diante do casebre, a família reunida: encontro de gerações.

Rosto típico do Cafundó: a sofrida alegria.

Moendo a cana: hábito que vem de longe.

Cafundó

Um pedaço da África no Brasil

Muito se tem falado a respeito do negro. No ano de Centenário da Abolição, ele se tornou objeto de simpósios e debates, fotos e documentários, livros e dissertações. Em todo o Brasil a cultura negra, de um modo geral, ganhou espaço — e muito espaço. Órgãos do governo, instituições de ensino e segmentos do setor privado comemoram o 13 de maio. Algumas comunidades negras festejam; outras consideram o momento "de estudo e reflexão". Entretanto existem segmentos da sociedade preocupados em preservar a cultura africana. Afinal o Brasil é uma mistura de cores e raças. E nessa tentativa de preservação da cultura trazida pelos antigos escravos, descobriu-se o Cafundó, uma pequena comunidade negra situada a 12 quilômetros de Salto de Pirapora, no interior paulista.

Faz dez anos que o Cafundó virou notícia. Foi exatamente no dia 10 de março de 1978, quando lá esteve o jornalista Sérgio Coelho, do jornal "Cruzeiro do Sul", de Sorocaba, também correspondente na cidade de "O Estado de S. Paulo". Amigo pessoal do ex-reitor da Unicamp, Zeferino Vaz, o jornalista procurou a Universidade no sentido de documentar cientificamente sua descoberta. Foi então que, a pedido do Prof. Zeferino Vaz, os lingüistas Carlos Vogt e Maurizio Gnerre e o antropólogo Peter Fry, todos, na época, professores e pesquisadores da Unicamp, iniciaram um minucioso trabalho de investigação científica acerca dos hábitos e costumes preservados pela comunidade. Logo na primeira visita, a constatação: os negros do Cafundó, embora utilizem o português como língua materna, servem-se igualmente de uma "língua própria", a que chamam "cupópia" ou língua africana e cuja origem está predominantemente no quimbundo e no umbundo, línguas africanas da família bantu.

"Notamos que a 'língua' adotada pela comunidade era, na verdade, um vocabulário, elaborado sobre a estrutura gramatical do português", diz o prof. Vogt, hoje coordenador geral da Universidade. Verificou-se que a maior parte do vocabulário está composta sobre um eixo autêntico de 200 palavras. Deu-se então início a um trabalho sobre língua e antropologia, integrando questões lingüísticas, sociais e culturais, partindo-se do princípio de que a língua funciona como ponto de articulação das práticas simbólicas da comunidade.

O Cafundó resume-se hoje a 13 casas (a maioria já construída em alvenaria) onde habitam aproximadamente 90 pessoas, das quais 41 crianças. Com população predominantemente negra, o povoado é dividido basicamente em duas parentelas: os Almeida Caetano e os Pires Cardoso. A história do povoado é tão antiga quanto a da escravidão. Pouco antes da Abolição, um rico fazendeiro de Salto de Pirapora doou uma faixa de aproximadamente 80 alqueires a duas escravas que trabalhavam em suas terras: Ifigênia e Antônia. Ambas estão na origem das duas parentelas.

A capela, construída anos antes da Abolição.

Perda de Terras

A ambição dos fazendeiros locais, somada à ação dos grileiros e ainda à especulação imobiliária, foi levando a uma gradativa redução das terras do Cafundó. Os oitenta alqueires originais não chegam hoje nem a oito. O problema da invasão de terras — às vezes violenta — foi vivida pela maioria dos moradores do Cafundó. Euliria Rosa da Silva, sobrinha de Otávio Caetano, o líder da comunidade, lembra de alguns dos momentos mais dramáticos. Segundo ela, na área doada pelo antigo senhor de escravos, estavam situadas duas comunidades: o Cafundó e o Caxambu. "As mulheres do Cafundó casavam-se com os homens do Caxambu", recorda. Porém, um rico fazendeiro morador de Salto de Pirapora ludibriou os negros do Caxambu, obrigando-os a assinar um documento de arrendamento das terras. A realidade era outra: ele se apossou das terras e desmatou a área. "Doia o coração quando a gente via aqueles caminhões carregados de madeira indo embora."

O trabalho de um pesquisador, principalmente em se tratando de linguagem e antropologia, nunca é isento de envolvimento emocional. Na condição de narrador, por mais que pretenda atuar de forma imparcial, ele acaba por tornar-se um personagem da história que escreve. Dessa forma, os pesquisadores Carlos Vogt e Peter Fry, que aprofundaram a pesquisa, auxiliados mais tarde pelo historiador Robert Slenes, acabaram por se transformar em elementos importantes na comunidade local.

Os negros do Cafundó aprenderam a cultivar a terra, com sementes e equipamentos obtidos por intermédio dos pesquisadores. O mesmo aconteceu com as criações, a substituição das casas de pau-a-pique, que já não ofereciam as mínimas condições de moradia, e até a instalação da luz elétrica, conquista alcançada graças à atuação do prof. Vogt junto ao governo do Estado. Uma poça d'água, que abastece a comunidade deverá ser substituída por um poço artesiano. Porém a maior conquista está por vir: técnicos da Secretaria de Assuntos Fundiários do Estado estão no local realizando a medição das terras. O governo deverá indenizar as benfeitorias realizadas pelos grileiros e devolver aos negros do Cafundó toda área a que têm direito.

Carlos Vogt: pesquisa ao lado de Peter Fry.

"Desde a descoberta do Cafundó, muitos segmentos da sociedade se mobilizaram no sentido de oferecer aos moradores melhores condições de vida e finalmente os resultados começam a aparecer", diz Vogt. Apesar da mobilização, a situação dos habitantes ainda é delicada. Helena Rosa de Moraes, embora orgulhosa por ostentar o título de cabeleireira habilitada, lamenta a condição miserável em que vive. "Há dias em que as crianças só têm laranja para comer", diz. O pequeno espaço para o plantio e — segundo os moradores — a "terra fraca," aguçaram a luta pela sobrevivência e jogou-a na vala comum da prestação de serviços para terceiros. Os homens trabalham como bóias-frias por 200 cruzados ao dia e as mulheres vão para a cidade em busca de emprego doméstico. Maria de Lourdes de Almeida não mede esforços para trabalhar diariamente numa casa de família em Salto de Pirapora: entre ida e volta caminha 20 quilômetros.

Santa Cruz

Em meio a tantas dificuldades, os moradores do Cafundó encontram momentos de lazer e felicidade. Jogos de baralho e também boa música sertaneja, acompanhada de um violão, são rotina na vida da comunidade. Mas a euforia maior fica reservada para todo 13 de maio, dia da Santa Cruz, e também aniversário da Abolição. Um capelão reza a missa, puxa a procissão e comanda os festejos: leilão, fogos e um baile que se estende até o amanhecer. Todo esse ritual ocorre em torno de uma capelinha simples, construída no século passado pelos escravos que habitavam o local.

Apesar do permanente processo de transformação da cultura dos negros do Cafundó, motivado principalmente pela proximidade de um centro urbano, os moradores querem manter a língua quimbundo recebida de seus ancestrais. Mostram-se preocupados em repassar essa cultura de geração para geração. Para alguns moradores a "língua africana" pode ser considerada um código secreto, adotado pelos escravos diante dos brancos e que permanece hoje como um método de comunicação diante de pessoas que provocam desconfiança. Para outros, tem outra função importante: a de constituir-se num ritual de atualização de uma identidade ao mesmo tempo histórica e mítica. Os habitantes do Cafundó, caipiras que são no sentido sociológico do termo, são também africanos, nesta africanidade própria e específica do Brasil que tanto caracteriza a nossa cultura.

Otávio Caetano, o líder da comunidade.

Na Unicamp, cinco debates

O Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp promoverá, de 23 de maio a 6 de junho, no Centro de Convenções, o simpósio "Histórias de liberdade: cidadãos e escravos no mundo-moderno". Incluído no programa oficial do Ministério da Cultura para marcar o centenário da Abolição, o simpósio propõe uma série de mesas redondas para o público em geral, com a participação de professores convidados do Brasil e do exterior. Confrontar posições divergentes quanto à história da Abolição, trabalhar as visões comparativas a respeito, bem como o significado da liberdade para os ex-escravos, são algumas das questões a serem levantadas no encontro.

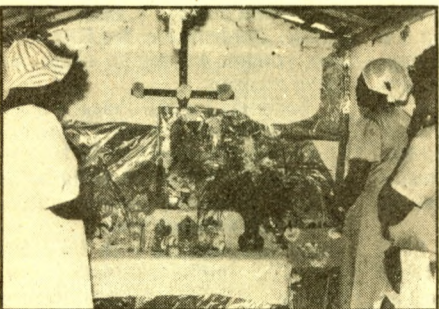
Programação

"Trabalho e Cidadania": este é o tema da primeira mesa-redonda a ser realizada dia 23 de maio, a partir das 14h30. Coordenada pela prof.ª Maria Stella Bresciani, da Unicamp, o encontro procura mostrar como a questão social e a organização do trabalho se manteve como tema central das preocupações das classes dominantes ao longo do século XIX.

As "Visões da liberdade na época da emancipação" serão debatidas dia 24 de maio, às 14h30, sob a coordenação do prof. Sidney Chalhoub, também da Unicamp. Neste encontro será analisado o comportamento da sociedade após o advento da Abolição. Para alguns, a liberdade dos negros constituía em ameaça de uma revolução social protagonizada pelos ex-escravos. Outros consideravam os negros improdutivos por natureza e havia ainda aqueles que imaginavam que, mesmo libertos, os negros permaneceriam fiéis a seus antigos senhores.

"A historiografia da Abolição", coordenada pelo prof. Robert Slenes, organizador do encontro, será o tema a ser discutido no dia 30 de maio, a partir das 14h30. Neste encontro será feito um balanço da historiografia sobre a Abolição, buscando-se apontar os caminhos mais promissores para estudos futuros.

O quarto encontro, sob tema "Trabalho, disciplina e integração social", acontecerá dia 31 de maio, às 14h30, sob coordenação da prof.ª Célia Marinho de Azevedo, da Unicamp. Esta mesa tem por objetivo avaliar as várias interpretações da idéia de trabalho livre elaboradas por diferentes segmentos sociais durante o século XIX em diversas partes do mundo.

"Cultura e racismo na era dos impérios" é o tema do último encontro do simpósio, que acontecerá dia 6 de junho, às 14h30. Sob a coordenação do prof. Edgar de Decca, da Unicamp, esta mesa procura estabelecer as relações entre as teorias raciais e a cultura do imperialismo. As teorias raciais antecedem ao racismo procurando definir os contornos de uma identidade de classe burguesa em oposição ao mundo do trabalho e da pobreza. Pretende-se ainda discutir a difusão das teorias racistas no final do século passado, tanto nas manifestações literárias, artísticas, científicas, bem como no discurso político.

As cores sombrias do pânico

Identificada apenas em 1980, nos Estados Unidos, a doença do pânico já atinge, no Brasil, cerca de 144 mil pessoas. Na Unicamp, uma das primeiras instituições brasileiras a tratar dessa doença, perto de 100 pessoas já passaram pelo Centro de Diagnóstico, Tratamento e Pesquisa da Doença do Pânico, do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria.

Estatísticas recentes dão conta de que, seguramente em cada mil pessoas, pelo menos uma é atacada pela "desordem do pânico"; guardadas as proporções, não é de se assustar quando pesquisas do Centro acusam que só em Campinas existem duas mil pessoas sofrendo da doença.

Mas o que é, de fato, a "desordem do pânico"? O psiquiatra Dorgival Caetano, coordenador do Centro, diz tratar-se de uma "doença democrática", pois não escolhe suas vítimas, que tanto podem ser pessoas ricas, pobres, independentes de faixa etária ou dos meios em que vivem. Ao lado disso, "ressalta-se o fato de que as possíveis causas que provocam o pânico ainda não estão, até agora, corretamente estabelecidas. Mas podemos afirmar, levando em consideração as informações de que dispomos, que são basicamente disfunções fisiológicas do indivíduo", explica o psiquiatra. Além disso, os fatores de personalidade de sua história de vida e familiares parecem ter um peso também muito importante.

Pavor Mental

A desordem do pânico é uma doença "que não manifesta nenhum tipo de aviso prévio". De repente, sem que a vítima tenha tido qualquer sintoma anterior, é acometida de intenso pavor repentino, na maioria das vezes, sem qualquer motivo aparente, provocando reações totalmente desordenadas. Em geral, caracteriza-se por pressão no peito, coração acelerado, ondas seguidas de frio e calor, tontura, transpiração, amolecimento das pernas, como se não pudessem sustentar o corpo. Tudo isso acompanhado de falta de ar e formigamento pelo corpo.

A esses sintomas, que podem ocorrer simultaneamente, explica Dorgival, acrescenta-se um pavor mental terrível; o indivíduo passa a ter uma série de fobias, como medo de morrer, de sofrer um colapso cardíaco, medo de desmaiar, de ficar louco ou de perder o controle de si mesmo. O curioso é que tudo isso dura no máximo de cinco a trinta minutos e são duas vezes mais freqüentes em mulheres que nos homens.

Descoberta há oito anos, a desordem do pânico é uma doença nova. Por isso, apesar do avanço das pesquisas, continua sendo uma anomalia cujas causas ainda permanecem, em boa parte, desconhecidas. A isto se alia uma outra dificuldade: a precariedade de literatura médico-científica. "Na Unicamp", diz Mário Eduardo Costa Pereira, psiquiatra do Centro, "temos publicado alguns trabalhos destinados à classe médica geral e especificamente à área psiquiátrica", além de desenvolver pesquisas de ponta mais aprofundadas. Entre elas, por exemplo, como se distingue a doença, quais suas características clínicas, elaboração de propostas de tratamento farmacológico e de grupo, além de desenvolver estudos da incidência da desordem do pânico no meio em que vivemos. "Atualmente estamos reativando o Centro de Diagnóstico e Tratamento de Pânico visando acoplar o tratamento da doença à investigação científica", lembra Mário, sem que isso, contudo, transforme a vítima em cobaias de laboratório.

Paciente é atendida no HC da Unicamp: pressão no peito e suor frio.

Dorgival: "Causas da doença ainda precisam ser melhor definidas."

"Perdi o domínio de mim mesma"

A professora T. R., 44 anos é paciente do Centro de Diagnóstico, Tratamento e Pesquisa da Doença do Pânico da Unicamp. Os primeiros sintomas da doença começaram a surgir em 1976, que ela atribuía a "um possível stress", acompanhado de um intenso estado de depressão. Com o passar do tempo esses sintomas (forte pressão no peito, taquicardia, tonturas e medo de morrer) foram intensificando-se cada vez mais, "chegando ao ponto de não ter mais domínio de mim mesma", diz a professora, "pois a sensação que tinha era de que realmente ia acabar morrendo".

Essas crises foram se intensificando de tal forma que ela, "sem a menor vontade de fazer qualquer coisa", começou a isolar-se dentro de casa, o que a debilitava ainda mais. Todavia, a incessante busca para uma possível cura continuava. Conta que durante todos esses anos passou por mais de uma dezena de médicos, das mais diversas áreas da medicina — da convencional à acupuntura — por massagens de relaxamento, cromoterapia "e até mesmo auxílio espiritual". Na maioria delas, o que no máximo conseguia era atenuar a angústia e a tensão. Mas só em julho do ano passado é que pôde, através de uma reportagem da revista "Veja", perceber que os sintomas que sentia enquadravam-se perfeitamente na doença do pânico. Depois de sofrer várias crises — inclusive uma de quase três horas — procurou o Centro da Unicamp, onde iniciou tratamento com o psiquiatra Mário Eduardo Costa Pereira. "Os sintomas do pânico são indescritíveis. Hoje, com pouco mais de um mês de tratamento, simples, por sinal — à base de antidepressivo e tranqüilizantes — sem nenhuma crise séria, posso dizer que renasci. E não por milagre."

Tratamento

Pesquisas do Centro mostram que a maioria das vítimas de pânico, após ter sofrido a primeira crise, tem medo de ser surpreendida por uma ou mais crises posteriores. Isso faz com que elas passem a ter um comportamento diferente; para começar, evitam o local onde sofreram o primeiro ataque, culminando em não conseguir mais viver sozinhas, sequer por alguns minutos. Depois da primeira crise o indivíduo procura por um pronto-socorro, um clínico geral ou um cardiologista; na segunda, um neurologista e finalmente, na tentativa de acertar o tratamento, procura o psiquiatra. Mas como as crises se sucedem e o tratamento não surte os efeitos desejados, à falta de um diagnóstico corretamente definido, o paciente fatalmente passa a não crer mais na medicina tradicional. Evidentemente este não é um quadro generalizado, pois cada pessoa apresenta um quadro clínico específico. E, segundo Dorgival, "quando não se acredita na medicina, a tendência natural é ou isolar-se por completo, ou a busca incessante de meios para amenizar o seu drama como, por exemplo, a bebida, o sectarismo religioso etc. O resultado disso, de uma forma ou de outra, é o agravamento da doença".

A regra número um para um tratamento adequado e eficaz é que a pessoa que se julgar com sintomas do pânico procure imediatamente um psiquiatra. "O quanto mais cedo possível", ressalta Mário Costa Pereira. O Centro de Diagnóstico, Tratamento e Pesquisa da Doença do Pânico, atuando com uma equipe de sete psiquiatras e uma psicóloga sob a coordenação do prof. Dorgival, está devidamente aparelhado para atender a esses pacientes. Basta que o interessado entre em contato com o Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria, no campus universitário do distrito de Barão Geraldo, ou através do fone: 39-1301, ramal 2113.

Aids, quadro geral começa a ficar crítico

Até o final do ano o número de casos de Aids no Brasil pode chegar a seis mil. Para se ter uma idéia do aumento vertiginoso da doença, só nos primeiros três meses deste ano foram registrados cerca de 500, o que corresponde a um crescimento de 7% em relação ao ano passado. Em termos mundiais, o Brasil apresenta hoje o quarto maior número (3 mil) de casos oficiais, superado apenas pelos Estados Unidos, França e Uganda.

A tendência daqui por diante é a progressão cada vez mais acelerada do número de casos, segundo projeções de Francisco Hideo Aoki, professor assistente da Disciplina de Moléstias Infecciosas do HC/Unicamp. Ele diz que "esse quadro só será alterado na medida em que as campanhas de educação e informações de massa ou de pequenos grupos sejam efetivadas com mais intensidade, de forma que as pessoas, tendo ou não comportamento de risco, se conscientizem de que a Aids é uma doença realmente séria. Só dessa forma é que se poderá atenuar a cadeia de transmissão". A morte do cartunista Henfil deflagrou, nesse sentido, não só maior atenção das autoridades como também um melhor controle dos bancos de sangue.

O primeiro caso de Aids — como óbito — registrado no Brasil e descrito em revista de divulgação científica foi detectado na Unicamp em 1982. O processo de propagação da Aids, segundo observações do prof. Aoki, desenvolvia-se até então de maneira lenta. Todavia, a partir de 1985 os índices vêm se multiplicando assustadoramente, preocupando as autoridades ligadas à área da saúde. A Unicamp, atenta a essa situação, criou, naquele ano, o ambulatório de Doenças Sexualmente Transmissíveis, com a preocupação voltada especificamente para a questão da Aids.

Desde o surgimento do primeiro caso em 1982 até hoje, já passaram pelo ambulatório 70 pacientes, 40 dos quais morreram. Ressalte-se aí que de junho de 1982 a fevereiro de 88 foram feitas 168 sorologias positivas. Desses, de acordo com Aoki, com base em estimativas da Organização Mundial de Saúde, de 20 a 30% deverão desenvolver a doença e morrer. Só em Campinas, de julho de 1982 a 15 de fevereiro deste ano, foram registrados 61 casos de portadores do vírus, 49 dos quais com a doença já manifesta e 28 óbitos.

O Departamento de Moléstias Infecciosas é dotado de ambulatórios e enfermaria com capacidade para dezoito leitos. O atendimento do ambulatório, às terças-feiras, recebe uma média de 35 a 45 pessoas com suspeita de serem portadoras do vírus, pertencentes aos mais variados grupos de risco. Desses, de 20 a 30% são comprovadamente portadoras do vírus — o que não significa, contudo, que estejam doentes, embora com grande probabilidade de desenvolverem a doença no futuro.

As atividades do Departamento não se restringem apenas ao atendimento interno do HC; como o papel fundamental da Universidade é também de ordem social, esse atendimento é ainda levado à comunidade de bairros periféricos. Um exemplo disso é o Posto de Saúde Avançado do Jardim Itatinga — tradicional zona de prostituição de Campinas —, que não se destina exclusivamente a pacientes portadores de doenças sexualmente transmissíveis, embora tais patologias ocorram em número bastante elevado. Isso pela peculiaridade do modo de vida da maior parte da população do bairro, estimada em 1.500 pessoas. Mas não é só: atende ainda aos moradores de mais quatro bairros satélites próximos ao Itatinga, com uma população de aproximadamente cinco mil pessoas.

Estatísticas do Departamento de Moléstias Infecciosas da Unicamp mostram que o grupo de risco com maior índice continua sendo o homossexualismo. Das 168 sorologias positivas feitas de junho de 82 a fevereiro deste ano, 83 pessoas, ou seja, 49,42%, pertencem a esse grupo. Em seguida vêm os dependentes de drogas com 33 casos; os bissexuais somam 16. Os chamados "comunicantes" (que têm contatos com indivíduos portadores do vírus da Aids), 8. Em seguida vem a transfusão de sangue comum (por serem hemofílicos), 7; hemofilia, 2; bissexuais e drogados, 4; transmissão vertical (mãe para feto), 1; homossexuais e drogados, 1; e indefinidos, 3 casos.

O Estado de São Paulo concentra a maior parte dos doentes, com 59,12% do total de casos, ou seja, 1.713 pessoas. O Rio de Janeiro tem 532 casos notificados (42,44%), dos quase três mil registrados no País. A população do sexo masculino continua sendo a mais afetada pela Aids.

Henfil: vítima famosa entre milhares de outras desconhecidas.

O controle do Hemocentro

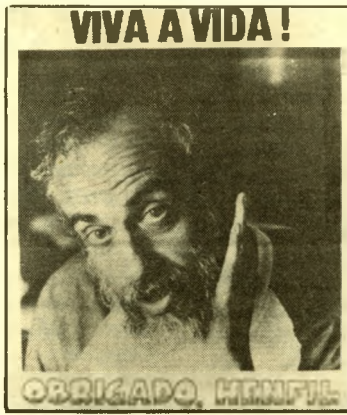
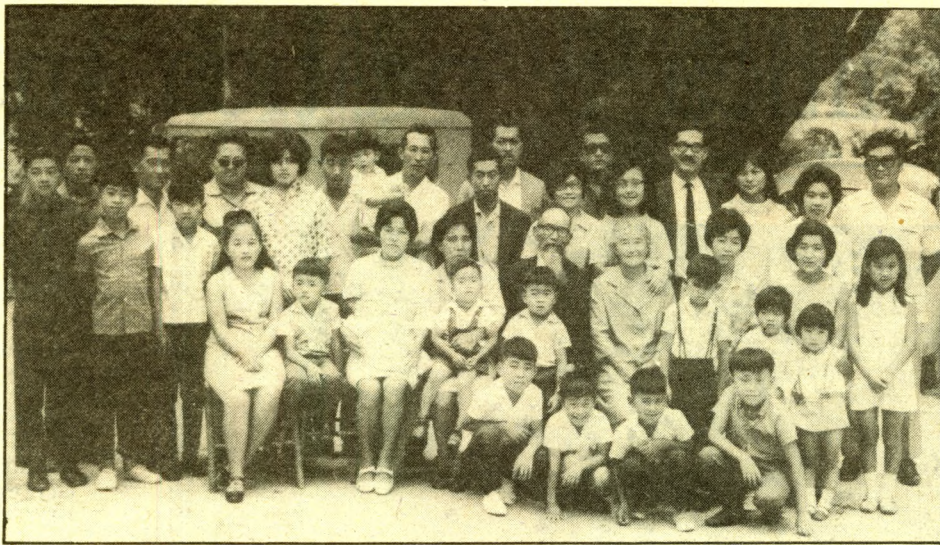
O Hemocentro do HC/Unicamp agora é modelo para o Programa de Controle Emergencial de Hemoterapia e Hematologia, em implantação pela Secretaria Estadual da Saúde, para a realização de exames sorológicos no sangue transfundido. Isso graças a um convênio assinado em fevereiro deste ano entre a Unicamp e a Secretaria Estadual da Saúde, que prevê, por parte da Secretaria, um repasse de recursos no valor de Cz$ 32 milhões para capacitar o Hemocentro como um Centro Regional de Referência para testes hematológicos em 119 cidades da macrorregião de Campinas.

Só no Hemocentro da Unicamp são realizados, hoje, 1.200 coletas de sangue por mês, o que dá uma média mensal de 8.400 exames sorológicos. Os principais testes realizados pelo Hemocentro referem-se ao Lues (sífilis), doença de Chagas, hepatite e Aids. Segundo informações da Secretaria da Saúde, 20% das 70 mil transfusões efetuadas mensalmente em São Paulo não são submetidas aos testes sorológicos obrigatórios, capazes de identificar a contaminação do sangue por Aids e por vírus da hepatite e da doença de Chagas. E é exatamente aí que entra a contribuição do Hemocentro da Unicamp na tentativa de reverter esse quadro, pelo menos na região de Campinas, proporcionando melhor controle do sangue a ser utilizado.

Além disso, a Secretaria optou pela regionalização do programa de hemoterapia e hematologia, e está organizando 25 pólos de controle no Estado, sendo que o Hemocentro da Unicamp é responsável pela coordenação dos escritórios de Campinas, Mogi Mirim e Amparo, que compreendem cerca de 50 municípios. Isso vale dizer que o Hemocentro da Unicamp é responsável ainda pela realização de aproximadamente três mil testes por mês e que, somados aos executados no próprio Hemocentro (rotina do HC, Caism e Clínica Dr. Boldrini em Barão Geraldo), somam em média cinco mil testes mensais.

Segundo Jordão Pelegrino Júnior, diretor da Divisão de Hemoterapia do Hemocentro do HC/Unicamp, a maior incidência de exames positivos ocorre com a doença de Chagas, com 2,5%, seguida pela hepatite com 1 a 1,5% e a sífilis, também numa proporção de 1 a 1,5%. Jordão acentua que de 4 a 4,5% do sangue coletado pelo Hemocentro apresenta exames positivos em pelo menos numa dessas doenças.

日本

ブラジル

日本

A família Sakanaka posa para uma foto histórica.
De óculos e gravata, Paulo, professor na Unicamp.

Yoshiaki e Tomie: sem arrependimentos.

Brasil japonês faz 80 anos em junho

No dia 18 de junho de 1908 atracava no porto de Santos o transatlântico Kasato Maru. No convés apinhado apertavam-se os primeiros 781 imigrantes japoneses que traziam na bagagem, além de roupas e ferramentas, a esperança de enriquecer. A meta era, em curto prazo de tempo, retornar à terra natal, de preferência em melhores condições do que as que haviam deixado para trás. Para a maioria foi uma triste ilusão. Os japoneses não sabiam na verdade o que os esperava. Nem de longe imaginavam que a luta que tinham pela frente era tão ou mais árdua que a batalha da sobrevivência no Japão.

Passaram-se décadas e os obstáculos, em sua maioria, foram superados. E mais: os imigrantes, além de conquistarem importante espaço — não apenas geográfico — no território brasileiro, introduziram no País seus costumes, ganharam espaço na cultura, na administração e na política. O Brasil e mais especificamente os imigrantes japoneses e seus descendentes comemoram agora os 80 anos de lutas e conquistas nesse processo dinâmico que certamente proporcionará muitos capítulos nos registros da história.

O processo da imigração japonesa no Brasil pode ser dividido em várias etapas. A fase experimental está situada entre 1908 e 1923, quando aproximadamente 30 mil japoneses desembarcaram no porto santista. Eram vários os fatores que motivaram a vinda de enormes contingentes procedentes do país oriental. O Japão contava já com aproximadamente 100 milhões de habitantes, distribuídos numa área, grosso modo, equivalente ao território do Estado de São Paulo, da qual apenas um terço em condições de cultivo. A situação agravava-se ainda mais quando os registros mostravam que 80% da população estavam concentrados no campo.

O Brasil, com uma extensa área agricultável, que tinha no café seu principal sustentáculo entre os produtos agrícolas, constituía-se em grande atrativo para os imigrantes japoneses e também para os europeus — os italianos começaram a chegar no final do século passado. Nessa primeira fase, com o sistema de trabalho quase semelhante ao regime de escravidão, muitos japoneses fugiram do campo e se instalaram principalmente no bairro da Liberdade, na capital paulista. Naquela época, a imigração era não raro financiada pelos próprios fazendeiros, que pagavam as passagens de navio prometendo aos japoneses terra para plantar e resultados a curto prazo. Somente na chegada é que os japoneses constatavam que o valor das passagens deveria ser ressarcido em forma de anos de exaustivo trabalho. Muitos perceberam imediatamente que o sonho poderia não passar de um logro.

A família Sakanaka

Em uma segunda etapa, entre 1924 e 1940, já com intermediação dos governos do Japão e do Brasil, começam a chegar os primeiros japoneses que seriam proprietários de pequenas faixas de terra no interior do Estado de São Paulo. Em 1928, a bordo de um dos inúmeros navios que traziam ao Brasil mão-de-obra qualificada, estavam Yoshiaki Sakanaka, sua esposa (Tomie), um cunhado e mais três filhos, dos quais um veio a falecer no navio, vítima de virose. Dez anos mais tarde, já instalados num pequeno sítio no município paulista de Pereira Barreto, o casal Sakanaka e filhos levavam vida normal de pequeno agricultor. Entre os nove filhos, estava Paulo Sakanaka, hoje pesquisador ligado ao Instituto de Física da Unicamp.

O garoto Sakanaka tinha apenas quatro anos quando o Brasil entrou na 2.ª Guerra Mundial, tendo o Japão na linha inimiga. A partir daquela data, 1942, o governo brasileiro, liderado pelo ditador Getúlio Vargas, determinou a expulsão de diplomatas e funcionários de empresas estatais japonesas, confiscou bens e proibiu não apenas o idioma, como também o ensino da língua em escolas no País. Naquela época, entre imigrantes e descendentes, os japoneses somavam 300 mil.

O nissei Paulo Sakanaka viveu alguns dos episódios. Numa oportunidade, seu pai foi surpreendido pelo delegado de polícia de Pereira Barreto enquanto conversava em japonês com um comerciante: passou uma noite na cadeia. Para evitar que a polícia brasileira incinerasse discos e livros trazidos do Japão, a família Sakanaka adotou um interessante recurso: embalou o material e pendurou-o no alto de uma paineira no quintal da casa. Em outra ocasião, a polícia abordou uma escola que Sakanaka freqüentava, à noite. "Quando vimos os faróis do carro, apagamos o lampião e saímos pelos fundos", diz.

Após a guerra, as colônias japonesas dividiram-se em dois grupos: derrotistas, minoria que aceitava a derrota do Japão; e vitoristas, que não admitiam de forma alguma o esfacelamento do império japonês. Somente na década de 50 é que houve o reatamento entre os dois países. Na década seguinte, com o advento do milagre econômico japonês, irrompeu-se uma notável expansão da tecnologia japonesa, e não apenas no Brasil. De acordo com o recenseamento realizado em 1987, vivem hoje no Brasil 110 mil imigrantes japoneses, responsáveis pelos 800 mil nisseis, sanseis, yonseis e gosseis — filhos, netos, bisnetos e tetranetos de imigrantes. Destes, 450 mil estão concentrados na região metropolitana de São Paulo.

Trajetória

A trajetória da família Sakanaka no Brasil é um retrato bastante fiel da saga de centenas de clãs japoneses que vieram ao Brasil nas mesmas condições. Com a venda dos bens no Japão, Yoshiaki pôde comprar passagens de navio para toda a família e uma faixa de terra em Pereira Barreto, onde iniciou o cultivo do café. A fraca produção registrada naqueles anos, aliada à necessidade de sobrevivência de uma família de onze pessoas, motivou os Sakanaka a se mudarem para Jundiaí, onde passaram a cultivar morango e uva. Dos nove filhos, apenas dois chegaram a freqüentar a universidade, quatro mudaram-se para a cidade e três permaneceram no campo.

"Embora nossa família não tenha enriquecido, meus pais nunca demonstraram arrependimento por terem vindo ao Brasil", diz o pesquisador. Yoshiaki e Tomie, hoje falecidos, retornaram ao Japão pela primeira vez em 1977, quando reviram, depois de longas décadas, os irmãos que optaram por ficar na terra natal. "A condição de vida de meus tios e primos mostrou que meus pais agiram certo ao virem para o Brasil", finaliza.

Pesquisa quer resgatar identidade

O Japão é o assunto do dia, este ano, na imprensa e no meio editorial brasileiro. Livros, revistas, encartes e suplementos em jornais, dissertações de teses, além de vasto material audiovisual ganham espaço e tornam cada vez mais acessíveis as informações sobre a cultura, a arte, a tecnologia, os costumes, enfim, o povo japonês. Com o objetivo de introduzir novos elementos nesse contexto, o mestrando em História da Unicamp Rui Khan Sano, está desenvolvendo a pesquisa "Os imigrantes japoneses e seus descendentes nos anos 30 e 40", ou "O nacionalismo japonês no nacionalismo brasileiro".

Neto de imigrantes japoneses, Rui Sano diz atravessar uma crise de identidade, processo pelo qual, segundo ele, se encontra grande parte dos sanseis que vivem hoje no Brasil. "Estamos conscientes que vivemos um processo de descaracterização", diz o pesquisador, que é naturalmente um exemplo vivo nesse contexto. A convivência familiar constata o fato. O avô materno veio ainda criança para o Brasil. Os pais de Rui entendem e falam fluentemente o idioma, entretanto encontram dificuldade na escrita. "Em diálogo com meus avós, eles se dirigem a mim em japonês, enquanto respondo em português", diz o pesquisador, que assume também o desconhecimento da escrita de seus antepassados. A filha de Rui é mestiça, o que contribui para uma fuga ainda maior às antigas origens.

Rui Sano e a filha: o silêncio incomoda.

Paralelamente a essa busca de identidade, o pesquisador quer obter mais informações a respeito dos imigrantes que viveram no país nas décadas de 30 e 40, ou seja, os momentos que antecederam ou marcaram a 2.ª Guerra Mundial. Segundo ele, são várias as etapas que marcam a imigração japonesa no Brasil, entretanto foi naquele período em que se registraram os piores momentos dos imigrantes no país. O racismo era fato real. "Negros, japoneses e leprosos sofriam as conseqüências de um preconceito não muito diferente", afirma Rui. Foram momentos tão ruins que os personagens daquela época insistem em optar pelo silêncio. "Entre outros objetivos, pretendo resgatar essa fase, aprofundar os fatos e checar qual a influência daqueles acontecimentos entre os japoneses e seus descendentes brasileiros no momento atual", finaliza.

日本

ブラジル

Tradução: "Japão-Brasil-Japão."

Saúde, da política à prática médica

Infecções hospitalares, erros médicos, acidentes provocados por negligência (ou ignorância) aos princípios mais básicos da Medicina vitimam milhares de pacientes nos leitos hospitalares a cada ano no Brasil. A infecção hospitalar, por exemplo, ocupa o terceiro lugar como causa de óbitos no País, matando aproximadamente 100 mil pessoas anualmente, segundo estatísticas do próprio Ministério da Saúde, a quem cabe, de resto, a fiscalização sobre as instituições médicas que autorizou funcionar.

Apesar de todos os avanços tecnológicos e terapêuticos, por que, paradoxalmente, a Medicina mata tanto no Brasil? Qual o grau de cumplicidade dos médicos com a ocorrência — e com o aumento de incidência — desse mal? Para fornecer pistas que levem às respostas dessas questões e para melhor compreensão da relação dos médicos com a atual estrutura dos serviços de assistência médico-sanitária do Brasil, Gastão Wagner de Souza Campos está lançando o livro "Os Médicos e a Política de Saúde" (215 páginas, Editora Hucitec — São Paulo).

Gastão: denúncia do processo degenerativo do atendimento médico no País.

Médico sanitarista, mestre em Medicina Preventiva e Social, professor do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e ex-diretor do Sindicato dos Médicos do Estado de São Paulo no período de 1979/1982, Gastão Wagner de Souza Campos transformou em uma obra contundente e reveladora a tese de mestrado que defendeu em 1986 na Faculdade de Ciências Médicas da USP. Resultado do rigoroso trabalho de pesquisas e da perspicaz crítica de um militante, "Os Médicos e a Política de Saúde" reconstrói a prática política da categoria médica de 1970 a 1984, a partir da vida de suas principais entidades e da ação dos médicos enquanto sujeitos sociais reagindo aos processos mais amplos da sociedade brasileira — e oferece valiosos subsídios para se compreender a má qualidade da assistência médico-hospitalar brasileira.

Política liberal

"A Medicina, que deveria ser uma terapia, transformou-se em iatrogenia", diagnostica o autor, que reconstruiu o processo de privatização dos serviços de saúde no País através da leitura sistemática de entrevistas realizadas com personalidades do movimento médico, de notícias de jornais diários e de publicações de algumas das entidades médicas mais significativas, como a Associação Médica Brasileira, Associação Paulista de Medicina e Conselho Federal de Medicina.

O processo degenerativo do atendimento médico-hospitalar, como mostra "Os Médicos e a Política de Saúde", deve-se a dois fatores. O primeiro, de raízes históricas, é a própria organização de serviços de saúde no país, a partir de 1966, segundo uma política econômica da época, de cunho liberal, que entendia que o Estado não deveria produzir serviços de saúde. Essa filosofia norteou o programa de ampliação da assistência médica deflagrado pelo governo militar, que optou por não desenvolver uma rede própria, preferindo entregar a prestação de serviços para instituições privadas. Estas recebiam incentivos financeiros à construção de clínicas e hospitais, e posteriormente eram credenciadas. "Ocorre que, abandonada pelo Estado, que não exerce qualquer fiscalização, a assistência médica foi organizada de uma forma mercantilizada, onde os pacientes são tratados como consumidores. E para lucrar com a saúde, compromete-se o atendimento", denuncia Gastão.

Essa situação, segundo ele, pode explicar por que o índice de infecções hospitalares é tão alto no Brasil. "Cuidar do problema é simples, e todo médico tem consciência disso. Mas é um investimento que não traz retorno, pelo contrário, diminui a produtividade." O escândalo das transfusões de sangue contaminado pelos mais diversos microorganismos, da doença de Chagas ao da Aids, também tem idêntica origem, assim como o absurdo número de cesarianas, que atinge 60% dos partos realizados nos serviços privados, contra apenas 15% das nações mais desenvolvidas.

Forte ideologia

O "empresariamento" dos serviços médicos, então, constitui-se no segundo fator de influência negativa sobre a qualidade da assistência médica prestada ao brasileiro, identifica Gastão, "já que 85% da população não pode comprar serviços médicos segundo a regra de mercado". A ideologia que orienta esse significativo segmento da classe médica (avaliado em 70% da categoria) é tão forte que, afirma o autor, acaba influenciando a própria organização dos setores público e filantrópico, gerando comportamentos de recusa a cumprimento de horários e a supervisão de trabalho, mesmo em profissionais assalariados. "Chegam ao cúmulo de organizar estabelecimentos públicos com a mesma lógica de uma instituição privada." A modificação dessa situação, a partir de 1983, com a implantação da chamada "reforma sanitária" — que reivindica maior controle do setor privado e expansão dos serviços públicos via Estado e Prefeituras — tem, contudo, "sofrido forte resistência de parcela da categoria interessada na permanência desse estado de crise".

Gastão Wagner de Souza Campos atualmente vem trabalhando nas áreas de Planejamento e Política de Saúde. Publicou em 1987 "Subordinação da Saúde Pública à Dinâmica da Acumulação Capitalista", em Capitalismo e Saúde Pública (editora Papirus, segunda edição) e "Os Sanitaristas Enquanto Intelectuais da Democratização dos Serviços de Saúde" em Cadernos do VI Congresso da Associação dos Médicos Sanitaristas do Estado de São Paulo.

HC tem novo superintendente

O médico infectologista Fernando Lopes Gonçalves Júnior, 37 anos, é o novo superintendente do Hospital das Clínicas da Unicamp. Seu nome foi escolhido pelo reitor Paulo Renato Souza após consulta à comunidade de docentes, funcionários, residentes e alunos que atuam no complexo hospitalar, constituída de aproximadamente 2.177 pessoas. Fernando Lopes substitui o médico gastroenterologista Mário Mantovani.

Especialista em clínica médica e infectologia, Fernando Lopes foi também supervisor de ambulatórios em 1984 e diretor clínico do HC a partir de 1986. Casado e pai de três filhos, o novo superintendente — que toma posse no próximo 13 de maio — foi eleito com 1.443 votos.

Fernando: atenção especial aos setores de apoio de diagnóstico.

Do plano de tabalho que pretende implementar ao longo dos próximos três anos, Fernando destaca a implantação definitiva do Hospital e ativação dos setores de apoio de diagnóstico, que, no momento, segundo ele, "constituem-se numa área problemática, que precisa ser solucionada rapidamente. Em algumas áreas possuímos aparelhos que ainda não funcionam por questões técnicas ou por falta de pessoal especializado, o que provoca um déficit no seu funcionamento".

Centro de Saúde

O HC/Unicamp conta hoje com 289 leitos e, segundo planos do novo superintendente, até o final do ano deverão ser implantados mais 150. No entanto, Fernando Lopes observa que a distribuição desses leitos visa especificamente ao "de especialidade de ponta, que é o caso do nosso hospital, ou seja, a demanda terciária e quaternária. Não dá para conviver com uma estrutura anacrônica e desvinculada da atual sistemática de organização dos serviços de saúde" — diz ele. A nova distribuição deve contemplar, segundo o médico, a demanda de Campinas e da região, dentro de um sistema regionalizado e hierarquizado.

Além de Campinas, o HC atende aproximadamente quatro milhões de pessoas de quase 52 municípios da região, em decorrência dos convênios das Ações Integradas da Saúde (AIS). O HC/Unicamp é um hospital exclusivamente terciário. No entanto, segundo Fernando Lopes, seus serviços extrapolam essa categoria, atendendo tanto a pacientes primários como secundários. "Funcionando quase como um grande centro de saúde", diz Fernando. "Por isso, temos que trabalhar intensamente no sentido de torná-lo um hospital puramente de especialidade, tanto na questão de recursos de aparelhagem como também no que diz respeito a recursos humanos."

Há, além disso, por parte do novo superintendente, a preocupação de desenvolver maior integração interna, ou seja, desenvolver projetos e trabalhos junto a outras áreas de saúde — internas ou não — como o Caism, o Cecom e o Centro Infantil de Investigação Hematológica "Dr. Domingos Boldrini", além do Hospital Municipal de Paulínia, por exemplo. "Com isso, o HC passa a ser um grande complexo hospitalar, bem dentro da especificidade de hospital terciário, inserido no sistema de saúde, que é a nossa função social', explica.

Tecnologia sofisticada

Inaugurado em 1986, o Hospital das Clínicas da Unicamp, centro de referência regional pela amplitude e qualidade de seus serviços, hoje com mais de 60 mil m² de construção, é o maior hospital da região de Campinas, com capacidade para 289 leitos, 80% dos quais permanecem constantemente ocupados (prevê-se a instalação de 150 outros, totalizando-se 439). Na parte ambulatorial são realizadas, mensalmente, mais de 30 mil consultas, enquanto que só no pronto-socorro do hospital passam, no mesmo período, cerca de 6 mil pessoas. Além disso são realizados mais de 1.200 procedimentos especializados nas áreas de endoscopia, fisioterapia, quimioterapia e eletrocardiograma. A média mensal de cirurgias realizadas no hospital (nas mais diversas áreas) está em torno de 550, enquanto que os exames laboratoriais atingem uma média de 25 mil, além de outros dez mil exames de urgência. O número de transfusões de sangue está, hoje, em torno de dois mil.

Pós faz sua auto-análise

Os números convidam, no mínimo, a uma reflexão: 80% das pesquisas desenvolvidas ou em desenvolvimento no País são realizadas nas Universidades e, desse montante, 70% são creditados aos alunos de pós-graduação. Conscientes do importante papel que desempenham no mundo acadêmico e também no desenvolvimento da Ciência e Tecnologia do País, cerca de 100 pós-graduandos de 24 universidades brasileiras participaram nos dias 21, 22 e 23 de abril, na Unicamp, do I Seminário Nacional sobre a reestruturação da Pós-Graduação.

Promovido pela Associação Nacional de Pós-Graduandos (ANPG), o encontro levantou uma série de questões que, na visão dos alunos, deve ser melhor analisada. Um dos pontos foi o tempo que os alunos gastam para a obtenção dos títulos de mestre e doutor. No primeiro, o tempo varia entre 4,5 e 5 anos, enquanto um doutor gasta aproximadamente 5,5 anos entre a realização dos créditos e a defesa da tese. Esse período, segundo o coordenador geral da ANPG e aluno de mestrado da Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp, José Adolfo de Almeida Neto, é muito grande. "É preciso encontrar mecanismos para a redução do tempo", diz.

A caça aos créditos foi um dos assuntos abordados pelo pró-reitor de pós-graduação da Unicamp, prof. Bernardo Beiguelman. Ele pôs novamente em debate sua idéia de que o número de créditos a ser atingido deve ser individualizado, levando em consideração, principalmente, a pesquisa em desenvolvimento. Beiguelman defende a tese de que se os créditos a serem obtidos fossem centrados na pesquisa em andamento o resultado seria mais satisfatório e permitiria ao aluno encerrar seu trabalho com mais qualidade e rapidez. "O pós-graduando, hoje no Brasil, obtém o título com idade muito avançada", avalia.

Interação com o orientador

Valorizar o pós-graduando através de uma orientação efetiva foi outro aspecto em discussão no encontro. "É necessário aumentar a interação entre o aluno e o orientador", assinala Enrique Ortega, pós-graduando na Faculdade de Engenharia de Alimentos, unidade onde também integra o corpo docente. Segundo ele, não são raros os casos em que o docente orientador fica ausente do País, deixando o aluno em situação delicada. Ortega vai além: "Muitos orientadores não prestam nenhuma assistência ao aluno e no final é creditado a ele um trabalho no qual teve discreta participação ou sequer tenha contribuído. Os pós-graduandos estão também se propondo a interagir com a graduação, facilitando assim ao aluno de nível superior uma iniciação científica.

O pró-reitor Beiguelman fala a um grupo de pós-graduandos.

José Adolfo: "Encontrar meios para reduzir o tempo."

O direcionamento das pesquisas, motivado pelos interesses externos à Universidade, também mereceu destaque. Segundo o coordenador geral da ANPG, não ocorre uma participação dos pós-graduandos, a nível geral, nas decisões das linhas de pesquisa. Os membros da entidade questionam, por exemplo, a definição, por parte de agentes externos, dos rumos da Universidade. Neste aspecto situam-se, segundo ele, as cinco áreas prioritárias: mecânica de precisão, química fina, biotecnologia, informatica e novos materiais. "Trata-se de uma política do Ministério da Ciência e Tecnologia e que nem sempre corresponde às necessidades básicas da comunidade", afirma José Adolfo. "As prioridades devem ser definidas de baixo para cima e não da forma inversa. Um País como o Brasil não pode ignorar problemas como habitação, educação, saúde, reforma agrária, entre outras prioridades."

Ainda com respeito às decisões tomadas longe dos bancos acadêmicos, os participantes do encontro questionaram o sistema hoje adotado no País quanto ao envio de pesquisadores ao exterior. "O pessoal ligado às áreas prioritárias mais uma vez é beneficiado", diz José Adolfo. Também houve consenso quanto ao respaldo da proposta da Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior (Andes), no sentido de criar um padrão único de qualidade para a universidade brasileira, ou seja, todas as instituições devem ser suficientes para desenvolver as três atribuições básicas: ensino, pesquisa e extensão.

A universidade, segundo os participantes do encontro, deve ser submetida ao processo de avaliação em todos os níveis internos e externos, desde que obedeça a certos critérios. A avaliação deve ser coletiva, de forma que todos os segmentos internos e externos emitam suas opiniões; contextualizada, levando em consideração e localização geográfica da instituição, sua história, seu potencial intelectual, sua vocação; e finalmente a avaliação não deve ser primitiva, mas sim um instrumento que permita traçar novos rumos para que se alcance um padrão único de qualidade.

Encaminhamentos

Os três dias do encontro, marcados pela realização de palestras seguidas de debates e grupos de trabalho que discutiram os temas levantados, culminaram com a elaboração de um documento em forma de projeto de lei que será enviado ao Congresso.

Bolsa de estudo para todo pós-graduando ou liberação do trabalho durante o curso é uma das reivindicações. Existem hoje no Brasil 50 mil alunos de pós-graduação, dos quais menos da metade (22 mil) é beneficiada através de auxílios da Capes, CNPq, MCT e agências estaduais.

Outra reivindicação é quanto ao valor e dia do pagamento das bolsas: a ANPG quer que o valor seja de 80% do salário do professor-auxiliar I com dedicação exclusiva para cursos de mestrado e 80% do salário de professor-assistente I com dedicação exclusiva para cursos de doutorado. O documento sugere ainda que o pagamento da bolsa seja efetuado no último dia útil do mês.

Partindo do princípio de que o pós-graduando já é um profissional — é significativo o número de mestrandos e doutorandos que são docentes em outras instituições — o documento sugere que o futuro pesquisador seja tratado como tal. "É o que chamamos de criação do quarto corpo, ao lado de professores, alunos e funcionários", assinala Ortega, que também já foi presidente da APG/Unicamp no biênio 85/86. "É necessário que a pós-graduação participe no processo de planejamento da Universidade".

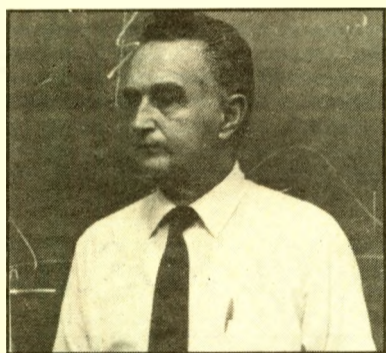
Pavan preside comitê da OEA

O êxito da corrida científica e tecnológica que o Brasil vem promovendo nos últimos anos depende diretamente dos investimentos financeiros e da formação de recursos humanos. Entretanto, apesar dos esforços do governo brasileiro, os resultados ainda são incipientes. O Brasil tem hoje cerca de 40 mil cientistas, quando deveria ter, pelo menos, 200 mil, para fazer frente à média dos países europeus.

Atualmente, são formados apenas cinco mil novos cientistas brasileiros. A permanecer essa lenta caminhada, serão necessários mais de 30 anos para que o País se coloque em igualdade de condições com os países desenvolvidos. Nos Estados Unidos, por exemplo, existe cerca de um cientista para cada 200 habitantes, índice considerado satisfatório para fazer frente à demanda científica e tecnológica do mundo moderno. No Brasil, no entanto, essa proporção é de apenas um cientista para cada quatro mil habitantes.

Em busca dos pontos comuns

A saída dos países que estão na rasteira dessa corrida está na viabilização de um esforço de cooperação latino-americana ou interamericana. A opinião é do prof. Crodowaldo Pavan, presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que desde o início deste ano ocupa também a presidência do Comitê Interamericano de Ciência e Tecnologia da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Após assumir a presidência do Comitê, a primeira preocupação do prof. Pavan foi reunir os membros do órgão para elaborar mudanças nos critérios de julgamento de projetos de pesquisa que são financiados pela OEA, a cada biênio. Isso porque, até agora, de acordo com o geneticista, não havia a preocupação em identificar pontos comuns nas pesquisas dos diversos países-membros da OEA.

Pavan: mudar os critérios de julgamento dos projetos.

O desenvolvimento de uma ação conjunta, através de cooperação efetiva entre os países que necessitam investir na área científica e tecnológica, é um dos problemas mais importantes a serem enfrentados na próxima década, de acordo com o pesquisador. O prof. Pavan acha "fundamental" a união dos países da América para que se dê conta desse desafio.

Dentro desse contexto, a OEA pode representar uma importante contribuição na ampliação do financiamento aos projetos de pesquisa. No último biênio, a entidade distribuiu US$ 30 milhões entre seus 31 países-membros (Antígua, Argentina, Bahamas, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Equador, Estados Unidos, Granada, Guatemala, Haiti, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, São Cristóvão e Nevis, Santa Lúcia, São Vicente, Granadubasm, Suriname, Trinidade Tobago, Uruguai e Venezuela). Desse bolo, coube ao Brasil, no biênio 87/88, uma fatia de US$ 700 mil.

Para o biênio 89/90, Pavan quer ampliar o leque das pesquisas brasileiras na OEA e modificar os critérios de avaliação dos projetos como um todo. O que o novo presidente do Comitê Interamericano de Ciência e Tecnologia do órgão deseja é tornar efetiva a cooperação entre os países. Para que isso aconteça, porém, cabe à América definir seus interesses para o desenvolvimento de projetos comuns.

Algumas das linhas programáticas de pesquisa já aprovadas pela OEA e em andamento no Brasil são: a formação e o fortalecimento de empresas de alta tecnologia para o desenvolvimento de complexos tecnológico-industriais; desenvolvimento de alimentos básicos; capacitação tecnológica para o desenvolvimento de fontes alternativas e otimização de consumo de energia; avaliação de materiais quanto à capacidade de isolamento térmico; pesquisa em física de matéria condensada; transferência de tecnologia de produção de conservação de carvão vegetal para a América Latina, México e Caribe; ensino e pesquisa em processos fermentativos para aplicação em alimentos e conservação de produtos alimentícios básicos.

Instituída em 1948, a Organização dos Estados Americanos tem por objetivo promover "a paz, a segurança, o entendimento mútuo e a cooperação entre os países do continente". A Secretaria Geral da OEA está sediada em Washington (EUA), e o atual secretário-geral é o brasileiro João Clemente Baena Soares. Os pesquisadores interessados em obter maiores informações para submeter seus projetos à apreciação da OEA devem entrar em contato com a Assessoria de Cooperação Internacional do CNPq, em Brasília, através do seguinte endereço: Superquadra 507 Norte, Ed. do CNPq, 3.° andar, CEP 70740, ou pelo telefone (061) 274-1155.

Unicamp repassa "know-how" para creches da LBA

Um convênio de colaboração técnica, de assistência científica e pesquisa, que beneficiará 382 creches mantidas pela Legião Brasileira de Assistência (LBA) em Campinas e região — e cerca de 40 mil crianças — foi assinado entre a Unicamp e a entidade assistencial. Inicialmente, a Universidade vai assessorar a instituição na elaboração de programas pedagógicos, de saúde e de alimentação, mas o acordo prevê a cooperação da Unicamp em outras atividades desenvolvidas pela LBA, como no atendimento a idosos e a excepcionais.

As três áreas prioritárias identificadas inicialmente serão atendidas pela Faculdade de Educação, pela Faculdade de Medicina e pela Faculdade de Engenharia de Alimentos. O convênio, contudo, compreende orientação técnica em outros projetos da LBA, como, por exemplo, na montagem de novas creches e centros de convivência para idosos, que poderão absorver a tecnologia desenvolvida pelo Laboratório Habitacional do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (Nudecri) na construção de habitações de baixo custo por painéis pré-montados e em sistema de mutirão. Os custos para execução dos projetos, adiantou o reitor Paulo Renato Souza, dependerão do tipo de ação a ser desenvolvida pela Unicamp, que, em alguns casos, poderá ser gratuita.

A Unicamp e a Legião Brasileira de Assistência desenvolvem ações conjuntas desde a criação das quatro creches no campus, que atendem 800 crianças, filhos de funcionários da Universidade, e cujo padrão de atendimento servirá de modelo à rede da LBA, que atende mais de 12 milhões de crianças carentes em todo o país. Em Campinas, a LBA mantém convênios com 185 creches; outras 197 unidades são atendidas em 43 municípios da região, totalizando 36.224 crianças. Renato Requixá, superintendente estadual da LBA, revelou que cada menor custa Cz$ 838,00 mensais à entidade. "O convênio fortalecerá nosso relacionamento com a Unicamp e tornará nossa missão assistencial muito mais eficiente", ressaltou Requixá.

Ecologia evolutiva ganha impulso

A investigação dos processos causadores da estrutura das comunidades naturais e das interações entre populações, particularmente de plantas e animais, que já vinha sendo desenvolvida por um grupo de ecólogos do Instituto de Biologia da Universidade Estadual de Campinas, ganha agora um novo impulso. De 27 a 31 de março, a Unicamp sediou o Simpósio Internacional de Ecologia de Herbívoros Tropicais, que contou com a participação de 300 pessoas, entre pesquisadores estrangeiros e brasileiros, além de estudantes da área.

O encontro se revestiu de grande importância para o setor, uma vez que possibilitou um intercâmbio entre os pesquisadores de primeira linha vindos dos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, México, Costa Rica e de várias instituições brasileiras desse campo da ciência. O Simpósio contou com o apoio científico e financeiro da Unicamp, CNPq, Fapesp, Secretaria de Ciência e Tecnologia (SP), Secretaria do Meio Ambiente (SP), National Science Foundation (EUA), Fundação M.B. (EUA) e Thirld World Academy of Science (Itália).

Organização Binacional

O Simpósio Internacional sobre Ecologia Evolutiva de Herbívoros Tropicais foi fruto de uma organização binacional, Brasil-EUA. Pelo Brasil, os responsáveis foram os ecólogos Thomas Michael Lewinsohn e Woodruff W. Benson (Instituto de Biologia da Unicamp), e pelos Estados Unidos, os ecólogos Peter W. Price e Geraldo W. Fernandes (Northern Arizona University). O prof. Price é uma das figuras de ponta na área e foi responsável pela organização de dois simpósios de Ecologia nos Estados Unidos, em 1974 e em 1982. O prof. Benson é um dos principais mentores do curso de pós-graduação em Ecologia na Unicamp.

Os temas enfocados nas palestras dos 20 conferencistas estrangeiros e dos 10 brasileiros foram: "Interações Químicas e Nutricionais", "Diversidades de Herbívoros", "Processos Evolutivos em Comunidades de Herbívoros", "Herbivoria em Agroecossistemas", "Mutalismos nos Trópicos", "Impacto de Herbívoros e Plantas" e "Ecologia Tropical versus Ecologia Temperada".

A escolha dos tópicos obedeceu, de acordo com o prof. Lewinsohn, à preocupação da comissão organizadora em oferecer aos participantes a multiplicidade de abordagens das pesquisas que caracterizam a área. "Procurou-se os pontos de contato, de integração, que dessem uma consistência ao Simpósio e possibilitassem uma visão global, respeitando a heterogeneidade de problemas e métodos empregados pelos pesquisadores em seus trabalhos", observou.

Outra preocupação foi buscar temas de pesquisa que já vêm sendo realizados no Brasil e outros que tivessem um impacto catalisador sobre as áreas ainda embrionárias. Nesse sentido, procurou-se também integrar nas conferências a produção desenvolvida na própria Unicamp com a de pesquisadores de outras instituições brasileiras com contribuições concretas na área, como a da Universidade Federal de Santa Catarina, do Centro Nacional de Recursos Genéticos (Cenargen), da Embrapa, em Brasília e do Museu Goeldi, do Pará. O Simpósio contou ainda com sessões de painéis para o qual foram inscritos 52 trabalhos, abrindo assim um leque da produção dos pesquisadores (docentes e alunos) que apresentaram trabalhos desenvolvidos desde a Universidade Federal do Rio Grande do Sul até o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), de Manaus.

Foto: Ivan Sazima

Morcego visita uma flor de unha-de-vaca.

Devido às características da área, o Simpósio contou ainda com várias excursões ao campo. A Ecologia é diferente de outras ciências, inclusive de outras áreas da Biologia, porque cada região do mundo é única. Como a maioria dos conferencistas estrangeiros nunca havia estado no Brasil, organizaram-se várias visitas a diferentes áreas faunísticas e florísticas do Estado de São Paulo. Nessas excursões foi possível um contato mais estreito entre os pesquisadores visando futuros intercâmbios.

Foram visitados os seguintes locais: Mata Santa Genebra, em Campinas, um remanescente de mata do Planalto; a Serra do Japi, em Jundiaí, que é uma área de transição entre elementos litorâneos e do Planalto Central; a Estação Experimental de Mogi-Guaçu, em Martinho Prado, onde há áreas de cerrado e matas de Galeria (desenvolvem-se ao longo dos rios) e a Ilha do Cardoso, reserva localizada no extremo sul do litoral paulista e que abriga uma variedade de comunidades naturais desde dunas, mangues, matas de restinga até mata Atlântica.

Interações de animais e plantas

A ecologia é o campo da Biologia que estuda as relações dos seres vivos entre si e com o meio ambiente físico. A Ecologia Evolutiva preocupa-se especialmente com explicações para a origem e manutenção da organização de sistemas naturais em diferentes níveis, que vão desde o comportamento de indivíduos até comunidades naturais inteiras. "Queremos saber por que certas espécies reproduzem-se mais cedo do que outras; ou, por que determinadas comunidades têm muito mais espécies de plantas, de aves, ou de insetos do que outras", explicou o pesquisador da Unicamp.

O estudo de interações entre animais e plantas, embora muito antigo, apenas recentemente adquiriu um contorno próprio, em que se combinam investigações de Dinâmica e Genética de Populações tanto das plantas como dos animais. Segundo o prof. Lewinsohn, "animais interagem com plantas de vários modos: podem ser polinizadores de flores, dispersores de sementes ou frutos, podem atacar as plantas, transmitir-lhes doenças ou protegê-las contra outros animais. A adaptação fina entre os animais polinizadores e as plantas, através da evolução conjunta, já é bastante estudada. Faz bem menos tempo, no entanto, que começamos a compreender que as interações dos herbívoros (todos os animais comedores de plantas vivas) com as plantas são ajustadas com a mesma fineza".

Características como dureza de folhas, substâncias químicas produzidas pelas plantas, ritmos de crescimento, época de produção de folhas ou flores são fortemente afetadas pela pressão dos animais herbívoros. Essas características das plantas funcionam como verdadeiros mecanismos de defesas dentro do processo evolutivo da natureza. A evolução entre estes organismos parece funcionar como uma verdadeira "corrida armamentista". Na medida em que as plantas aperfeiçoam suas defesas, os animais, por sua vez, aperfeiçoam suas formas de ataque. Essas alterações se dão através de combinações intrincadas de desenvolvimento de fatores genéticos, comportamentais, bioquímicos e demográficos.

À medida em que os pesquisadores compreendem melhor estes sistemas é necessário modificar os modelos com que tentam representar seu funcionamento. Fica difícil até mesmo avaliar quando as conseqüências destas interações são benéficas ou prejudiciais. No Simpósio, o prof. Thomas Whitham, da Northern Arizona University, mostrou que quando animais comem plantas, estas podem ser afetadas de modos muito diferentes. Quando sofrem danos severos, as plantas são prejudicadas. Danos mais leves, porém, podem ser indiferentes ou até mesmo provocar uma regeneração vigorosa que supera os tecidos consumidos pelos animais. "Quando há esta sobrecompensação, os herbívoros têm um efeito positivo sobre as plantas atacadas", explicou.

Estudos como este começam a influenciar também os conceitos básicos de manejo de ecossistemas agrícolas. "Animais pragas de culturas são herbívoros que competem pelas colheitas. O entendimento de sua origem e evolução é fundamental para desenvolvermos sistemas agrícolas mais estáveis e seguros para o meio-ambiente", afirmou o prof. Price.

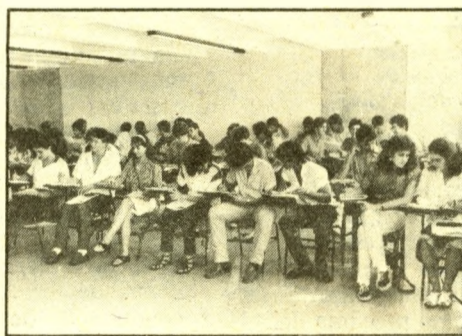
Na Unicamp, o esforço de pesquisa nessa área já se faz notar através do grande número de teses de mestrado e doutorado sobre o tema, desenvolvidas na Pós-Graduação em Ecologia do Instituto de Biologia. "Estamos também estruturando um Laboratório de Interações Insetos-Plantas, que já está em funcionamento. Acho que, na Unicamp como em outros institutos e universidades brasileiras, este Simpósio poderá ter dado um impulso decisivo", concluiu o prof. Lewinsohn.

Matemática busca novos talentos

Proporcionar aos jovens talentos em matemática a oportunidade de um desenvolvimento à altura de suas expectativas intelectuais. Baseado nesta linha de pensamento, o Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação (Imecc), da Unicamp, através do seu laboratório de ensino, está desenvolvendo o projeto "Educação Especial para Matemática", que consiste em levar para dentro da Universidade alunos do 2.° ano do segundo grau procedentes de escolas públicas e privadas e que mostraram ao longo de suas atividades em classe, maior facilidade no aprendizado de matérias da área de exatas.

Desde o primeiro sábado de março último, a mesma cena se repete no saguão do prédio do Imecc: dezenas de alunos de escolas de Campinas e região, mesmo antes do início das atividades, reúnem-se para discutir um tema comum: a matemática. O programa, que acontece todos os sábados, das 8h30 às 12h30, consiste na realização de módulos que podem ser de quatro, oito e até 12 horas, sempre sob a coordenação de um professor da Universidade. Cabe ao docente a escolha de um tema que será apresentado para posterior debate em sala de aula. "Por enquanto, as exposições estão restritas à utilização de materiais escritos. Entretanto, nossa meta é introduzir ainda este ano o sistema audiovisual", diz o prof. Antonio Carlos do Patrocínio, coordenador do projeto.

A escolha dos alunos ficou a critério dos professores de matemática das escolas convidadas, que enviaram para a Universidade os elementos que mais têm se destacado na matéria. Foram inscritos inicialmente 66 alunos, a princípio dispostos a dedicar todas as manhãs de sábado ao curso, que "não é nem preparatório para o vestibular nem mesmo para a Olimpíada de Matemática, mas sim, uma alternativa que permite desenvolver o raciocínio do aluno", destaca o diretor do Instituto, Marco Antonio Teixeira.

Aldo: "É preciso pique para acompanhar."

O grupo escolhido: capacidade potencializada.

Patrocínio: uma experiência nova.

Dificuldades da mais variada natureza, desde o acompanhamento do programa apresentado em classe até a disponibilidade para o deslocamento para a Universidade, incluindo aí a falta de dinheiro, motivaram a redução do grupo para 45 alunos. "Uma única falta é motivo de desqualificação do curso", afirma o prof. Patrocínio. "Queremos medir também o interesse do aluno."

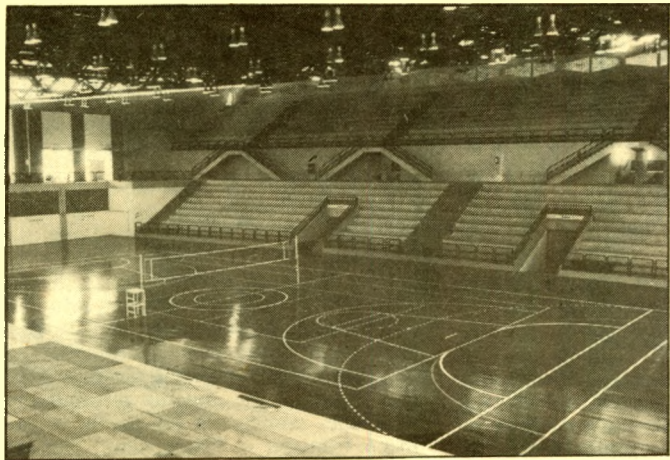
Entre os alunos escolhidos está Aldo Riciardi, 15 anos, aluno da Escola Estadual Técnica de Segundo Grau Bento Quirino. Único escolhido pela instituição para participar do projeto, Aldo afirma que o programa, até agora, vem despertando bastante interesse, embora se espere novas desistências — "o que é natural", segundo o aluno: "Nem todos têm pique para acompanhar algo com um nível de exigência tão alto." Indeciso ainda quanto à carreira a seguir — Matemática Aplicada ou Engenharia Elétrica —, Aldo considera o projeto uma abertura de novos horizontes do campo da matemática. "Minha escola jamais mostraria o que estou vendo na Unicamp", finaliza.

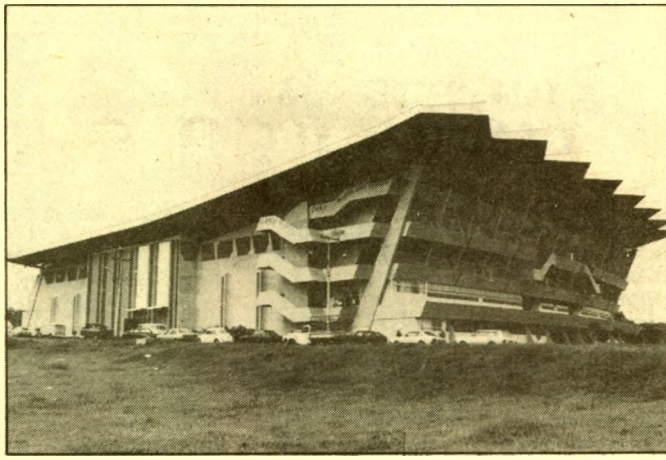
Auxílio

Atualmente, o curso está recebendo auxílio da Sociedade Brasileira de Matemática e do Fundo de Amparo à Pesquisa da Unicamp. A Secretaria de Ciência e Tecnologia do Governo do Estado de São Paulo deverá fornecer bolsas de estudo para o desenvolvimento do programa. Neste sentido, deverá ser assinado um convênio entre a Universidade e a Secretaria. O propósito é estimular a permanência dos alunos e a durabilidade da classe.

Nos dois primeiros meses de atividades, segundo Patrocínio, foi constatado que os alunos apresentam potencial superior ao que têm oportunidade de mostrar na escola. "Pretendemos abordar tópicos que jamais teriam oportunidade de ver nas escolas", diz o prof. Marco Antonio, afirmando ainda que a meta é realizar um trabalho embrionário de formação de pesquisadores.

Trabalhos semelhantes a estes são realizados em Universidades dos Estados Unidos e União Soviética. Em visita à Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, Patrocínio verificou que aquela instituição, a exemplo de outras naquele país, criou para alunos em estágio de "high school" (equivalente ao segundo grau no Brasil), um curso de excelência, com duração de dois anos em período integral. São 80 alunos, divididos igualmente entre moças e rapazes, que estão sendo preparados para atividades voltadas para a pesquisa.

O objetivo da Unicamp é dar acompanhamento aos seus alunos no 3.° colegial e prosseguir com assistência tanto na graduação quanto na pós, caso ingressem na própria Universidade. Além de novas informações sobre matemática, o projeto oferece ainda aos alunos, conteúdo de computação. No próximo ano, o programa poderá ser estendido para a área da física. Dos 45 alunos vinculados ao programa, 18 são procedentes de escolas particulares.

Na opinião dos especialistas, uma das melhores quadras do País

Batismo em dia de casa cheia.

Sede do Mundial de 90, ao lado do Maracanãzinho e do Ibirapuera.

Mundial de vôlei

Ginásio no circuito internacional

Com a realização do jogo internacional de basquete entre as seleções do Brasil e de Cuba, no último 10 de abril, foi "batizado" oficialmente o Ginásio Multidisciplinar da Unicamp. O local, que até então era utilizado basicamente para a realização de shows e solenidades, foi credenciado pela Federação Internacional de Voleibol (FIVb) para sediar uma das quatro chaves do Campeonato Mundial de Vôlei, categoria masculina, que será realizado no Brasil em 1990. A confirmação do ginásio da Unicamp foi feita pelo presidente da Confederação Brasileira da modalidade, Carlos Artur Nuzman, que entregou ao reitor da Universidade, Paulo Renato Costa Souza, um documento da FIVb solicitando pequenas adaptações no edifício. "Entretanto", disse Nuzman, "se o campeonato começasse amanhã, a Unicamp estaria em condições de receber as expressões máximas de voleibol mundial."

"O ginásio da Unicamp está entre os melhores do País." A afirmação é do presidente da FIVb, o mexicano Ruben Acosta, em visita às instalações da Universidade, dia 5 de março último. Compartilhando da mesma opinião, Nuzman deu ainda mais duas razões que levaram a entidade a escolher a Unicamp como uma das subsedes: a tradição de Campinas no âmbito do esporte amador e também a necessidade de realizar os jogos em cidades próximas. "Achamos conveniente concentrar os jogos no eixo Rio-São Paulo", revelou. Segundo ele, essa medida, além de facilitar o trabalho da organização, evita o desgaste das equipes no que se refere a viagens. No que diz respeito às outras subsedes, Nuzman destacou o Maracanãzinho no Rio de Janeiro e o Ginásio do Ibirapuera em São Paulo. A quarta e última subsede ainda está indefinida: os municípios de Niterói e Teresópolis, ambos no Rio de Janeiro, brigam pela vaga.

Adaptações

Alterar o posicionamento da iluminação, fazer demarcações exclusivas para o voleibol, providenciar cabinas para TV e rádio, tribunas de honra, salas para entrevistas coletivas e comitê de imprensa dotado de equipamentos essenciais como telex, telefone, radiofoto e máquinas de escrever são algumas das solicitações da FIVb à Unicamp. "São adaptações muito simples que a Universidade se compromete a realizar o mais rapidamente possível", garantiu o reitor da Unicamp, Paulo Renato.

Inaugurado em fevereiro de 1986, o Ginásio Multidisciplinar da Unicamp está construído numa área de 11.250m² distribuídos em cinco andares, além de suas arquibancadas com capacidade para 5.600 pessoas sentadas (o maior público registrado até hoje no local ficou por conta do show "Vida Bandida", com o cantor Lobão, que reuniu mais de 8.000 pessoas). Sob as arquibancadas e nas laterais das quadras, que ocupam 2.555m², existem seis vestiários e doze banheiros, além de camarins, setores de administração e bar. Três centros de convenções, localizados também sob as arquibancadas, no período dos jogos, estarão reservados para entrevistas coletivas, congressos técnicos e clínicas de voleibol.

Além de credenciar Campinas como uma das sedes para o Mundial de Voleibol, a Unicamp está pleiteando a centralização do laboratório para exames antidopping. A Universidade dispõe de cromatógrafo a gás, espectrômetro de massa acoplado ao cromatógrafo a gás, cromatógrafo líquido, radio-imunoensaio e cromatografia em camada delgada — todos equipamentos exigidos pela FIVb para a realização dos exames. Embora os equipamentos estejam disponíveis, a FIVb ainda não se definiu a respeito. Os exames poderão ser feitos na Alemanha, caso a Federação não credencie nenhum laboratório nacional.

Unicamp já tem seu quadro de carreiras

A Unicamp acaba de implantar seu Quadro de Carreiras. Dos 10.000 funcionários administrativos, cerca de 80% já optaram pelo ingresso no Quadro, com ganhos reais de salários que chegam a até 300%, considerando-se a situação vigente em agosto de 1987. A criação do Quadro atende aos funcionários que há anos vinham pleiteando o estabelecimento de critérios objetivos e transparentes de promoção. E vai também ao encontro da atual filosofia da direção da Universidade, que é a de estabelecer mecanismos claros de estímulo ao trabalho do servidor, visando a sua maior eficácia.

O Quadro, segundo o reitor Paulo Renato Costa Souza, tem como objetivo principal valorizar o trabalho do funcionário, além de criar um senso de responsabilidade mútua onde a instituição e o servidor estabeleçam um clima de trabalho que possibilite a convivência de direitos, deveres e lazer. "Valorizando as atividades-meio, através da implantação das novas carreiras, fixam-se também as condições para o apoio mais adequado e eficiente às atividades-fim da Universidade: o ensino, a pesquisa e a extensão", observou o coordenador geral da Universidade, prof. Carlos Vogt.

Corrigindo distorções

Cumprida a etapa de implantação das carreiras de Apoio Administrativo e Operacional, presidida por Armando Moreira e de Técnico Especializado de Apoio ao Ensino e à Pesquisa, por Oséas Valente de Avilez Filho, chega-se agora a uma Comissão Única. Essa Comissão passa a ser presidida pelo próprio coordenador geral da Universidade, prof. Carlos Vogt, e é integrada pelos seguintes membros: Adalberto Bono Maurizio Sacchi Bassi (1.° Vice-Presidente); Oséas Valente de Avilez Filho (2.° Vice-Presidente): José Luiz Boer (Secretário Executivo); José Dias Sobrinho; Armando Turtelli; Geraldo Giovanni; Flávio Ailton Duque Zambrone; Ana Lourdes Neves Gândara; Laércio Bolgoni Silveira; Daisy Silva de Lara; Jun Tanaka; Maria Goretti Coelho Stolf; Eduardo de Pinho Lopes; e Ícaro Frederico Bellentani.

A Comissão Central de Avaliação (CCA), em sua nova estrutura, desde o dia 25 de abril último, está tratando das correções de enquadramento já realizadas, bem como definindo as diretrizes a serem seguidas, visando uniformizar critérios e procedimentos relativos às carreiras, respeitando suas especificidades. Esse trabalho envolverá a discussão de mecanismos para promoções e progressões (baseados em critérios de mérito e questões orçamentárias), a criação de perfis para as novas funções e o aperfeiçoamento dos perfis já existentes, além de outras questões relativas ao conjunto das carreiras. Dando seqüência ao processo de descentralização que acompanhou a implantação das carreiras, nesta nova etapa, o trabalho das Comissões Locais de Avaliação (CLA's) ganhará ainda maior importância no julgamento das questões de mérito para a mobilidade funcional dos servidores, pois terão maior responsabilidade pela política de pessoal nas Unidades.

A inexistência de um Quadro de Carreiras na Unicamp vinha provocando as mais diferentes distorções, quer em nível de funções, quer em nível de salários. A perda de funcionários qualificados para a iniciativa privada vinha também aumentando, devido à defasagem salarial. A ausência de critérios tecnicamente objetivos para as promoções terminava por desestimular o servidor, já que seu esforço pessoal de aprimoramento, em nível de escolaridade ou de servio, nem sempre era recompensado.

Para modificar esse panorama, que criava um certo imobilismo na vida funcional dos servidores da Unicamp, a atual Administração decidiu implantar seu Quadro de Carreiras, a exemplo do que já vinha acontecendo com outras instituições. Foi então montado um grupo de trabalho que estruturou o Quadro, tendo como parâmetro três grupos funcionais: Básico, Médio, e Superior. O enquadramento no nível Básico está previsto, em princípio, para as pessoas com escolaridade de 1.ª a 8.ª séries; o Médio com o 2.° grau, e o Superior, com o nível universitário. Cada grupo, por sua vez, está dividido em cinco subgrupos: "A", "B", "C", "D" e "E". Dessa forma, a progressão na carreira pode se dar de forma horizontal (dentro do mesmo subgrupo) ou vertical (mudança de subgrupo).

Para a análise dos currículos e a formulação dos enquadramentos iniciais foram criadas comissões locais em cada unidade da Universidade. Essas comissões, baseadas nos critérios estabelecidos, elaboram suas propostas para cada funcionário, que foram em seguida revistas e ratificadas ou não pela Comissão Central para o enquadramento final.

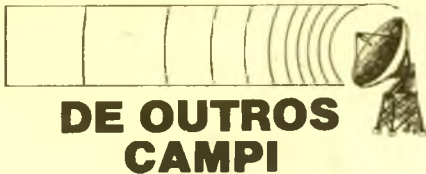
Critérios objetivos

Os critérios foram estabelecidos em decorrencia das atribuições desempenhadas pelo funcionário. Para cada grupo foi levada em conta a escolaridade. Esse, no entanto, não é o fator primordial no enquadramento, mas sim o grau de complexidade e de responsabilidade das atribuições. A simples existência do nível universitário não garante, porém, o enquadramento no grupo superior, já que esse também considera a função na qual o funcionário atuava.

O enquadramento, portanto, envolve etapas: no grupo, no subgrupo e no nível. Para a definição do grupo leva-se em consideração sobretudo, mas não exclusivamente, a escolaridade. A colocação no subgrupo era resultado da análise das atribuições e, para o enquadramento no nível, leva-se em consideração o número de pontos obtidos pelo funcionário. A pontuação é aferida através de avaliação do chefe imediato, de auto-avaliação e do currículo.

Com o enquadramento geral, o funcionário que optou pela carreira terá agora mecanismos de avaliação anual que estão sendo definidos. O que se pretende é estimular a eficiência e melhorar o desempenho funcional. As vantagens com o ingresso no Quadro, para boa parte dos funcionários, são visíveis. Os salários são agora compatíveis e até mesmo superiores, em muitos casos, aos da iniciativa privada. Introduz-se ainda a perspectiva de ascensão automática na carreira a partir dos méritos dos funcionários.

Com a criação do Quadro de Carreiras para o funcionalismo da Unicamp, os salários percebidos por seus servidores tiveram aumentos consideráveis. Um oficial de administração que recebia em 31 de agosto de 1987 um salário de Cz$ 6.273,68 passou a ganhar, a partir de 1.° de janeiro deste ano, Cz$ 23.858,35, o que representou um aumento percentual de 280,3%. Com o reajuste geral do funcionalismo estadual de 44%, a partir de 1.° de abril, esse salário vai para Cz$ 34.348,85 e o de uma secretária sênior fica em torno de Cz$ 72.000,00, salários que em muitos casos suplanta os oferecidos pela iniciativa privada.

Dos 5.851 funcionários que já optaram pelo Quadro, o menor percentual de reajuste com o enquadramento na nova situação, entre o salário de agosto de 1987 e o de janeiro de 1988, foi de 126,9% e o maior de 340,8%. A grande maioria dos funcionários da Universidade que exerce função administrativa e tem escolaridade de nível médio passou a ganhar, com o adicional de abril, um salário de Cz$ 50.000,00.

DE OUTROS CAMPI

Pós-doutorado na USP — Os pesquisadores brasileiros que vão para o exterior fazer cursos de pós-doutoramento poderão agora fazê-lo no próprio País. É que a Universidade de São Paulo (USP) deverá iniciar em agosto próximo seu programa-piloto de Pós-Doutoramento. O programa, fruto de um convênio entre a universidade paulista e o CNPq, contará com 100 bolsas de estudo/ano, no valor de Cz$ 90.700,00, e atuará nas três áreas básicas do conhecimento: Exatas, Biológicas e Humanas. O coordenador do programa é o prof. José Jobson de Andrade Arruda.

Museu Pré-Colombiano na UCS — A comemoração dos 500 anos de descobrimento da América, em 1992, contará no Brasil com a formação de um Museu Pré-Colombiano de Educação. A iniciativa é da Universidade de Caxias do Sul. Em dezembro do ano passado, o Centro de Filosofia e Educação da Universidade firmou um acordo de intercâmbio cultural com os Departamentos de Antropologia e História Americana da Faculdade de Humanidades e Ciências da Universidade da República de Montevidéo, no Uruguai, visando à criação do Museu.

Auxílio-Criança na Unesp — As funcionárias da Universidade Estadual Paulista (Unesp) que ganham até Cz$ 70.000,00, e têm filhos entre quatro meses e seis anos. passarão a contar com um rendimento extra para suas despesas. A Comissão para o Desenvolvimento do Programa de Centro de Convivência Infantil da Unesp instituiu, a partir de abril último, o auxílio-criança no valor de Cz$ 2.450,00 para essas funcionárias.

Guia de Ciência e Tecnologia — Já saiu a 4.ª edição do "Guia para obtenção de recursos nas principais fontes de financiamento à Ciência e Tecnologia". Editado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o Guia relaciona as principais agências de fomento à pesquisa no âmbito regional, estadual, nacional e internacional.

Energia solar move bomba d'água na UFV — Mais uma contribuição da pesquisa acadêmica para a sociedade civil. Trata-se da bomba d'água movimentada a energia solar desenvolvida pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). O responsável pelo projeto é o prof. Peter William Oliveira, do Departamento de Física do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas da Universidade. O funcionamento da bomba é obtido através do uso de um espelho parabólico para a concentração da energia solar. O produto é de grande utilidade em populações rurais de baixa renda.

Química fina em debate — De 5 a 8 de julho próximo será realizada em São Paulo a "Quimifina 88 — II Feira e Congresso de Química Fina no Brasil". A área de Química Fina é considerada estratégica para o desenvolvimento científico e tecnológico do País. A organização do evento que está a cargo da Abifina, conta com o apoio da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado e dos pesquisadores da Divisão de Química e Engenharia Química do IPT.

Livro da UFF em Munique — O livro "Memórias Futuras: Contos Infanto-Juvenis Contemporâneos", publicado pela Editora da Universidade Federal Fluminense (Eduff) foi premiado pela Biblioteca Internacional de Munique, como a melhor obra literária infanto-juvenil editada no ano de 1987. A antologia de contos infanto-juvenis foi organizada pelos professores Maria Antonia dos Santos Botelho, José Carlos Barcellos e Lúcia Teixeira, do Instituto de Letras da Universidade. O livro reúne contos e fragmentos de novelas escritas por autores contemporâneos, que vêm se especializando na criação de textos para crianças e jovens. O livro, que passa a fazer parte do acervo da Biblioteca Internacional de Munique, será traduzido para o alemão, favorecendo assim a divulgação, na Europa, da literatura brasileira.

Biogenética na UFMG — O Setor de Reprodução do Departamento de Clínica e Cirurgia da Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) está desenvolvendo desde o ano passado um programa de pesquisa para a transferência não cirúrgica de embriões em éguas e jumentas. O programa de biotecnologia, que conta com o apoio do CNPq e da Embrapa, terá larga aplicação no aprimoramento genético de raças como Mangalarga Marchador, Campolina, Pega e outras. O trabalho, coordenado pelo prof. Marc Henry, está sendo realizado com 50 fêmeas, entre doadores e receptores. Os resultados da inseminação artificial não-cirúrgica são considerados altamente satisfatórios.

Na intimidade do leitor Hélio Vianna

Leitores comuns costumam ter uma convivência pacífica com os livros. Como se comporta, na intimidade de sua biblioteca, o leitor-especialista ou, coincidentemente, o leitor-escritor?

Foi folheando e pesquisando livros da biblioteca particular do historiador e jornalista Hélio Vianna — que desde 1973 integra o sistema de acervos particulares da Unicamp, formado ainda por outras importantes bibliotecas particulares, como a de Paulo Duarte e a de Sérgio Buarque de Holanda —, que Sônia Valério Marinho Lúcio, aluna de pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), descobriu um autêntico tesouro literário: correções, comentários e críticas sobre autores e obras que ele leu, cuidadosamente anotadas a lápis nas próprias páginas das publicações.

Grande parte desses autores, cujos livros são corrigidos por Hélio Vianna como se fossem trabalhos de escola, são sociólogos, historiadores, poetas e escritores conhecidos, como Gilberto Freyre, Otávio Tarquínio, Câmara Cascudo, Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho, com os quais conviveu. Como um professor exigente, Vianna faz correções de datas, erros gramaticais, nomes, de argumentações e de parentescos das pessoas citadas — se a família é mineira, então ele parecia conhecer até mesmo o seu mais antigo ancestral. Ele próprio era mineiro, de Belo Horizonte. Em muitos livros, há mesmo, no final, rascunhos de comentários ou resenhas críticas escritas para o "Jornal do Commercio", do Rio de Janeiro, do qual ele foi colaborador durante muitos anos.

— Ler os livros da biblioteca do mestre Vianna é ter um companheiro de leitura, um comentarista em ação, permeando nosso momento de leitura — comenta Sônia Lúcio. Podemos ler algum livro de Gilberto Freyre, por exemplo, e de quebra ganhamos, no final, um resumo crítico de obra. Algumas vezes isso até atrapalha um pouco, por direcionar nossas próprias digressões para os caminhos de reflexão dele.

A assinatura do crítico: rigor professoral

"Falsa modéstia"

Os livros da biblioteca de Hélio Vianna trazem, invariavelmente, sua assinatura e data de compra ou de leitura e nenhum escapa aos comentários exigentes do mestre. A certa altura do livro "Ordem e Progresso", de Gilberto Freyre, por exemplo, Vianna é impiedoso: "Explica aqui o seu método, defendendo-o previamente, defendendo-se e atacando, como sempre faz, por sua vaidade e falsa modéstia". Ao apresentar seu livro como o primeiro volume de uma série de sete, da obra "Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil", Freyre jamais desconfiaria estar abrindo a guarda para uma irônica e bem-humorada observação de Vianna: "Se sete volumes são introdução, quando aparecerão os definitivos?...", indagou. Em outro momento, a lembrança da infância é suscitada pela descrição da vestimenta do jovem brasileiro no início do século. Gilberto Freyre descreve a roupa: "... vestindo alguma destas roupas de lã, ou de veludo..." O nostálgico comentário de Vianna: "Tive roupa de veludo verde".

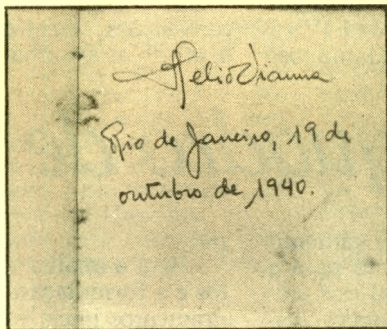
Outro a quem Hélio Vianna não poupou severas críticas foi o poeta-historiador Ronald de Carvalho. Leu os "Estudos Brasileiros", de Ronald, aos 22 anos, enquanto andava de bonde nas manhãs de 23, 25 e 28 de abril de 1930 (informação está anotada ao pé da página de rosto do livro) e procurou demonstrar da maneira a mais corrosiva possível seu descontentamento com a obra. "Péssimo o primeiro capítulo, aproveitáveis o segundo e o terceiro, apressado e generalizado o 4.°. Ensaios fáceis, porém úteis. Livro de principiante. Dotes coordenativos aproveitáveis", escreveu.

Ofensa a Minas

Hélio Vianna leu com igual atenção o "Guia de Ouro Preto", de Manuel Bandeira. O exemplar que se encontra na biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), é, por si só, uma raridade. Hélio Vianna é autor do "Guia do Rio de Janeiro", da mesma coleção. É com atenção de bom mineiro que lê o guia do pernambucano Bandeira, que logo nas primeiras páginas refere-se de maneira pouco "respeitosa" à Inconfidência: "A História do Brasil conta em suas páginas movimentos muito mais importantes, como a revolução pernambucana de 1817, onde se lutou com heroísmo. A Inconfidência gorou ainda na fase de conspiração". A audácia do pernambucano, percebe-se, deixou Vianna sem fala: apenas três interjeições e um risco forte embaixo do disparate traduzem a surpresa do ofendido mineiro diante da afirmação de Bandeira.

Em seu livro de memórias, "O Galo Branco", de 1957, o poeta Augusto Frederico Schmidt, num momento de divagação, escreveu: "Contento-me com tão pouco, quero tão pouco, aspiro a tão pouco". Ao que Vianna — certamente referindo-se às atividades comerciais do poeta — novamente ironizou — "Pois, sim!" Em seguida, atacou o estilo do poeta, classificando-o de "esparramado, com repetições". No entanto, as divagações memorialísticas de Schmidt acabaram por puxar pela memória do historiador. "De minha janela vejo às vezes o que se passa em alguns apartamentos nos edifícios vizinhos aos meus", escreve Schmidt, oferecendo a deixa para as observações do ilustre leitor: "Tive essa curiosidade em hotéis de Beirute e de San Juan de Puerto Rico. O primeiro devassava apartamento, o segundo uma casa rica com jardins. Em Nova Iorque, apartamentos ricos da rua 41, vistos do hotel da rua 42. Em Roma, casa de quartos, visto do Hotel Marini, 1949. O Anhangabaú, visto do Hotel São Paulo, à noite, iluminado".

Embalado pelas divagações sobre o trágico em Schmidt — "O que existe é trágico porque é solitário" —, Vianna completou filosoficamente: "O que é triste não é trágico. A tristeza pode ser construída pelo homem, como no caso de Schmidt. O trágico está acima dele, é inevitável, atinge a quem não contribuiu para ele. Tudo o que existe será necessariamente trágico? Vida e morte? Nascer, morrer?".

Da biografia de Hélio Vianna consta sua participação, com Plínio Salgado, da Ação Integralista Brasileira (AIB), onde secretariou, em 1934, o jornal 'A Ofensiva'. Ao morrer em 1972, aos 64 anos, deixou os seguintes livros publicados: Formação Brasileira (1935), Contribuição à História da Imprensa Brasileira (1945), História do Brasil — 1822 a 1937 (1945), História do Brasil (1946), Capistrano de Abreu (1935) e Vultos do Império (1968).

Sônia Lúcio: na pista do humor secreto de Hélio Vianna.

Modernidade

Seminário quebra uma tradição

Uma conferência do crítico e ensaísta Antônio Cândido encerrou no último dia 22 o "I Seminário da Pós-Graduação em Teoria Literária na Unicamp", evento realizado em circunstâncias inéditas pela Universidade, ao romper uma antiga tradição na promoção de simpósios, congressos e seminários na área acadêmica. Em lugar de críticos, escritores e mestres consagrados, alunos de pós-graduação, ainda em fase de pesquisa para a elaboração de teses, sentaram-se à mesa de debates nos quatro dias do encontro, que teve como tema central a Modernidade.

Suzi Frankl Sperber, professora de teoria literária e idealizadora do seminário, revelou que a proposta foi romper com uma tendência ao fechamento da universidade, possibilitando uma renovação maior de idéias e conhecimento, e proporcionar ao aluno de pós-graduação uma oportunidade que normalmente não teria nessa altura da carreira — mas só após concluir sua pesquisa de tese — e tradicionalmente desfrutada apenas por nomes já consagrados. Exceção foi aberta apenas nas conferências, para as quais foram convidadas algumas das estrelas da literatura nacional. Além de Antônio Cândido, compareceram Flora Sussekind, João Alexandre Barbosa e Jorge Coli. "Precisamos respeitar o pesquisador embrionário como alguém capaz de autonomia", argumentou Suzi Sperber.

E isso ficou patente na qualidade dos trabalhos apresentados nos debates — coordenados por professores da unidade — por 21 dos 76 alunos atualmente cursando a disciplina. A modernidade, embora tenha sido um tema comum aos participantes, foi discutida através de diferentes subtemas, relativos aos trabalhos de pesquisa de cada um. Na abertura do seminário o subtema em discussão foi a "Modernidade e Marginalidade Geográfica", sendo abordados os fenômenos literários e culturais do Paraguai, Cabo Verde e da Província de São Paulo, apresentados respectivamente pelos alunos Jorge Aguadé Smith, Elisabete Masini e Eustáquio Gomes. O trabalho de Aguadé, por exemplo, possibilitou à platéia ter um maior conhecimento da obra de Josefina Plá, a principal poetisa contemporânea paraguaia, que embora esteja inserida no contexto literário da modernidade latino-americana ainda não foi editada no Brasil. "Mito e Símbolo na Literatura" foi discutido em seguida por Hélder Garmes e Alckmar Luís dos Santos. A conferência de Jorge Coli sobre "Manet e a Modernidade" encerrou o primeiro dia de debates.

Suzi Sperber: confiança no pesquisador em formação.

O conceito de modernidade nos anos 70, por Tânia Pellegrini, Sônia Lúcio e Renato Bueno Franco, e "A cidade e a Modernidade", por Orna Messer, Carlos Eduardo Capela e Luiza Faccio, foram os subtemas apresentados no segundo dia do encontro onde o conferencista foi João Alexandre Barbosa, que falou sobre "As ilusões da Modernidade". A conferência do terceiro dia de Flora Sussekind sobre a "Cigarra e a História" — uma análise da revista "Cigarra", precedida das exposições de Maria Alice Rodrigues e Robênia Mamizuka sobre "Literatura e Educação" e de Fernando Marcílio Lopes Couto, Fernando Bandini e Marcos A. Siscar sobre "Nacional e Popular". O último dia foi destinado à apresentação do trabalho "Portugal e Modernidade", por Ana Tereza Murgel de Santos, Josiane Maria de Souza, Francisco Furlan, Paulo de Oliveira e Terezinha de Giulio. Em sua conferência de encerramento Antônio Cândido abordou o tema "Um jogo de esperança e da morte", sobre o romance "O Deserto dos Faraós", do italiano Dino Buzzati.

Para Suzi Sperber, discutir a modernidade no Brasil foi importante pelo fato de a análise do tema reservar uma situação especial no país: está ligada à sua história, e à busca de sua identidade.

ENCONTROS

Ecologia — A Associação Paulista de Biólogos e o Grupo de Estudos de Meio Ambiente da Unicamp promoverão, de 2 a 6 de maio, o ciclo de palestras "Tópicos em Ecologia III". O Encontro apresenta como tema central a questão ambiental. Entre os convidados estão o deputado federal Fábio Feldman e o deputado estadual Walter Lazarini. Segundo o coordenador do evento, prof. Carlos Alfredo Joly, o objetivo básico é divulgar a legislação ambiental e os mecanismos que existem para se fiscalizar as atividades potencialmente geradoras de alterações ambientais. As palestras serão realizadas no salão vermelho da Prefeitura Municipal de Campinas, com início às 20 horas.

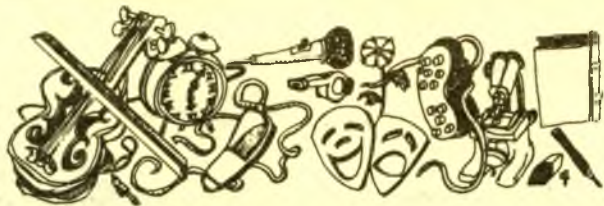
Geociências — Com a participação de professores, pesquisadores, representantes de alunos, autoridades universitárias da USP, Unesp, Unicamp, Inpe e das agências de financiamento Capes, CNPq, Finep e Fapesp, o Instituto de Geociências da Unicamp realizará no próximo dia 5 de maio, a partir das 9 horas, o "Encontro de Pós-Graduação em Geociências do Estado de São Paulo". Na oportunidade serão debatidas propostas de intercâmbio e colaboração na área. O encontro acontecerá a partir das 9 horas, no salão II do Centro de Convenções da Unicamp.

Filosofia Política — O Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp promoverá, nos dias 10, 11 e 12 de maio, o "II Colóquio de filosofia política: participação e representação". O encontro acontecerá sempre das 9 às 18 horas no salão II do Centro de Convenções da Universidade. Maiores informações pelo telefone 39-1301, ramal 2471.

Cirurgia — O Departamento de Cirurgia da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp e a Sociedade Brasileira de Pesquisa e Assistência para a Reabilitação Crânio-Facial, promoverão, nos dias 13, 14 e 15 de maio, o "IX Simpósio Internacional de Cirurgia Crânio-Facial" e o "II Simpósio Internacional de Cirurgia Estética". O encontro será realizado das 8 às 18 horas, no salão III do Centro de Convenções da Universidade. Maiores informações pelo telefone 39-1301, ramal 3121.

Energia no meio rural — Durante três dias (16, 17 e 18 de maio), pesquisadores e profissionais ligados à área de energia estarão participando do "II Encontro Nacional de Energia no Meio Rural", a ser realizado nos salões I, II e III do Centro de Convenções da Unicamp. A promoção é do Nuclener (Núcleo de Energia da Unicamp), em conjunto com a Cati (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral), CPFL, Faculdade de Engenharia Agrícola da Unicamp, Faculdade de Engenharia de Campinas e Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp.

Otorrinolaringologia — O Departamento de Oftalmologia e Otorrinolaringologia da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, promoverá dias 20 e 21 de maio a "III Jornada de Otorrinolaringologia Pediátrica". O encontro acontecerá no salão I do Centro de Convenções da Universidade. Maiores informações pelo telefone 39-1301, ramal 2102.

Aprendizagem — O Departamento de Neurocirurgia da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp promoverá nos dias 23 e 24 de maio, das 20 às 22 horas, no salão I do Centro de Convenções da Unicamp, o I Simpósio sobre dificuldades e distúrbios de aprendizagem. Outras informações devem ser obtidas pelo telefone 39-1301, ramais 2990 e 2994.

vida universitária

Estudos Regionais — O Núcleo de Estudos Regionais da Unicamp estará promovendo até junho uma série de seminários interdisciplinares. Os encontros acontecerão na sala de reuniões do Centro de Memória da Universidade, prédio do Ciclo Básico, e neste primeiro semestre abordarão os seguintes temas: dia 6 de maio, às 14h30 — "Industrialização e Urbanização: o caso de Campinas", por Ulisses Cidade Seneghini, do Instituto de Economia; dia 20 de maio, 14h30 — "Municípios e Sistema Tributário. Os municípios paulistas e o caso de Campinas", por Gustavo Zimmermann; dia 3 de junho, 14h30 — "De migrantes a favelados. História do processo migratório em Campinas", por Maria José de Mattos Taube, do SOS Mulher; dia 17 de junho, 14h30 — "A implantação de pólos de alta tecnologia em Campinas", por Wladimir Guimarães, do Ciatec.

"O exercício físico e o coração" — Este é um dos temas que serão debatidos durante o "II Simpósio sobre doenças das artérias coronárias e cardiopatia isquêmica" a ser realizado de 9 a 12 deste mês de maio no auditório da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Campinas (Rua Delfino Cintra, n.º 63) a partir das 20 horas. Esse simpósio é promovido pela Disciplina de Cardiologia da Unicamp, Sociedade de Medicina e Cirurgia e Departamento de Cardiologia da Universidade. O programa será desenvolvido de acordo com o seguinte calendário: dia 9/5, segunda-feira — "Drogas coronariodilatadoras", Mecanismo de ação; pelo prof. Dikran Armaganijan, do Instituto do Coração Dante Pazzanesi; dia 10, terça — "O exercício físico e o coração", Mecanismo de ação/Programas de reabilitação do cardíaco: resultados com a participação dos médicos Roberto Guimarães Alfieri, Carlos Eduardo Negrão; Paulo Yazbek e Ana Maria Braga (todos do Incor); dia 11 quarta "Conduta no paciente isquêmico crônico", pelo prof. José Antônio Ramires, do Incor; dia 12, quinta, "Lípides — Significado e importância/Programas de Prevenção, pelo prof. Eder Quintão, da USP. Inscrições: Disciplina de Cardiologia da Unicamp, Puccamp e Sociedade de Medicina e Cirurgia de Campinas.

CURSOS

Cursos de Tecnologia — O Centro de Tecnologia da Unicamp oferecerá, de maio a novembro, uma série de cursos dentro do seu programa de extensão. Os cursos, que começam a partir do dia 2 de maio, já estão com inscrições abertas. Maiores informações através do telefone 39-1301, ramal 2640. Os cursos são os seguintes: "Tratamentos Superficiais dos metais galvanoplastia e ensaios de revestimentos", "Sistemas de fabricação e tecnologia de grupo", "Quimioterapia — Aplicação de métodos matemáticos e estatísticos multivariados em química usando microcomputadores", "Metalurgia da soldagem de ligas ferrosas. Interpretação fenomenológica da prática", "Controle de qualidade na indústria de alimentos. Problemas usuais e perspectivas", "Sistemas integrados de manufatura", "Projeto de elementos e circuitos hidropneumáticos", "Confiabilidade, Solidificação e Fundição de Metais e Ligas", "Qualificação dos procedimentos de soldagem" e "Usinagem aplicada à automação da manufatura".

EM DIA

MPB no Festival da Unicamp — Atenção, músicos e compositores! A Unicamp prorrogou até o dia 13 de maio o prazo de inscrição para o Festival Universitário de Música Brasileira, promovido pelo Projeto "Aquarelas do Brasil" e DCE/Unicamp. São Cz$ 600 mil em prêmios, concedidos pela Vasp e as doze melhores obras farão parte de um disco a ser gravado pela RCA. Não importa o estilo ou gênero de música, que pode ser desde o rock até o sertanejo. A única exigência do regulamento é que letra e música devem ser inéditas e que o autor ou um dos autores seja aluno universitário. Os interessados devem encaminhar suas inscrições para a sede do Projeto "Aquarelas" ou no DCE da Unicamp, no campus de Barão Geraldo. As músicas devem ser gravadas em fita cassete com acompanhamento básico de piano ou violão.

Convênio Unicamp e CNEN — O trabalho desenvolvido pelos médicos legistas da Unicamp, Nelson Massini e Fortunato Badan Palhares durante o acidente com o césio 137, em Goiânia, resultaram na criação de um Centro de Pesquisa em Radioproteção e Radiopatologia, na Universidade. No final de abril, o presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), Rex Nazaré, esteve com o reitor Paulo Renato Costa Souza para acertar os últimos detalhes do convênio de cooperação técnico-científica entre as duas instituições.

Prêmio de Biotecnologia — A goma xantana, produzida a partir de microorganismos da espécie Xanthomana, com larga aplicação na indústria têxtil, cerâmica, agrícola, química e petroquímica, desenvolvida a nível de laboratório, na Unicamp, ganhou o prêmio "Valée de Biotecnologia" no I Congresso de Biotecnologia realizado no Rio de Janeiro, no mês de março. Os pesquisadores Yoko Rosato (do Instituto de Biologia) e Rosa Tibana (técnica em alimentos), juntamente com a pesquisadora Adilma Scamparini, diretora do Centro de Apoio e Tecnologia de Ensino em Engenharia, são as responsáveis pelo desenvolvimento da goma, que poderá representar uma economia de divisas para o país da ordem de US$ 1,2 milhão.

Assessoria Especial de Informações Universitárias — O reitor Paulo Renato Costa Souza, através da Portaria GR — 015/88, criou uma nova assessoria para a Universidade. Trata-se da Assessoria Especial de Informações Universitárias, que será chefiada por Maria Cândida Raizer Cardinalli Perez.

"Honoris Causa" para Paulo Freire

O educador Paulo Freire recebeu, em reunião extraordinária do Conselho Universitário realizada no último dia 27 de abril, o título de "Doutor Honoris Causa" da Unicamp. Paulo Freire, que se tornou mundialmente conhecido por sua contribuição

no campo da metodologia educacional, foi saudado pelo também educador Rubem Alves, da Faculdade de Educação. Na foto, momento em que o reitor Paulo Renato Souza fazia a entrega ao homenageado do diploma referente ao título.

O passeio da câmera

Enquanto o placar está a zero, a Sinfônica de Campinas vai marcando pontos. Local: ginásio da Unicamp, 10 de abril de 88.

TESES

Foram defendidas nas últimas semanas as seguintes teses:

Tese de Mestrado em Fisiologia (IB). Candidato: Valmir Lauro Ferraz. Orientador: Aníbal Eugênio Vercesi. Título da tese: "Alterações da permeabilidade da membrana mitocondrial dependentes de cálcio e oxidante de Nucletídios de Pitidina Endóginos". 04/04.

Tese de Doutorado em Engenharia Elétrica (FEE). Candidato: Laércio Luis Vendite. Orientador: Rodney C. Bassanezzi. Título da tese; "Modelagem matemática para crescimento tumoral e o problema de resistência celular aos fármacos antiblásticos". 06/04.

Tese de Mestrado em Genética (IB). Candidata: Rosa Chelminsk Teixeira. Orientador: Bernardo Beiguelman. Título da tese: "A atividade da pseudocolinestirase em alcoólatras". 06/04.

Tese de Mestrado em Química Orgânica (IQ). Candidata: Eugênia Cristina Souza Brenelli. Orientador: Paulo José Somenho Moran. Título da tese: "Estudo crítico das reações de substituição nucleofílica aromática entre Aminas primárias e substratos Homo e Eteromáticos ativados. Determinação dos efeitos Alfa de NH2 NH2 ENH2 OH". 11/4.

Tese Mestrado em Cirurgia Geral (FCM). Candidato: Joaquim Murray Bustorff Silva. Orientador: Lwis Sérgio Leonardi. Título da tese: "Laparotomia na Criança — Estudo das complicações imediatas relacionadas à incisão cirúrgica. 12/4.

Tese de Doutorado em Eletrônica Quântica (IFGW). Candidato: Altair Souza de Assis. Orientador: José Busnardo Neto. Título da tese: "Geração de corrente elétrica não indutiva com as ondas de Alfven". 15/4.

Tese de Mestrado em Matemática (IMECC). Candidato: Antônio Aparecido de Andrade. Orientador: Antônio Paques. Título da tese: "Separabilidade, ramificação e diferente". 15/4.

Tese de Doutorado em Cirúrgia Geral (FCM). Candidato: Aníbal Basili Filho. Orientadores: José Ernesto dos Santos e Elza Cotrin Soares. Título da tese: "A valiação do suporte nutricional no paciente cirúrgico: estudo de uma dieta enteral parcialmente hidrolizada". 19/4.

Tese de Doutorado em Engenharia Mecânica (FEC). Candidato: Herman Jacobus Cornieis Voorwald. Orientadora: Ana Maria Martinez Nazar. Título da tese: "Propagação da Trinca por fadiga em chapas finas de aluminio de alta resistência sob carregamentos de amplitude variável". 20/4.

Tese de Mestrado em Bioquímica (IB). Candidato: Carlos Francisco Sampaio Bonafé. Orientadora: Nilce Corrêa Meirelles. Título da tese: "Estudos bioquímicos e físicos de hemoglobina extracelular de glososcolex Paulistus (oligochaeta)". 21/4.

Tese de Mestrado em Engenharia Elétrica (FEE). Candidata: Thadeusa M. Fortunato Bim. Orientador: Raul Vinhas Ribeiro. Título da tese: "Planejamento do roteamento de troncos telefônicos". 28/4.

Tese de Mestrado em Genética (IB). Candidata: Ângela Cristina Cavallaro. Orientador: Octávio Henrique Pavan. Título da tese: "Método de purificação do VG DS e caracterização do seu principal componente protéico". 29/4.

Dayr, o diretor: "Maior aproximação com o setor produtivo."

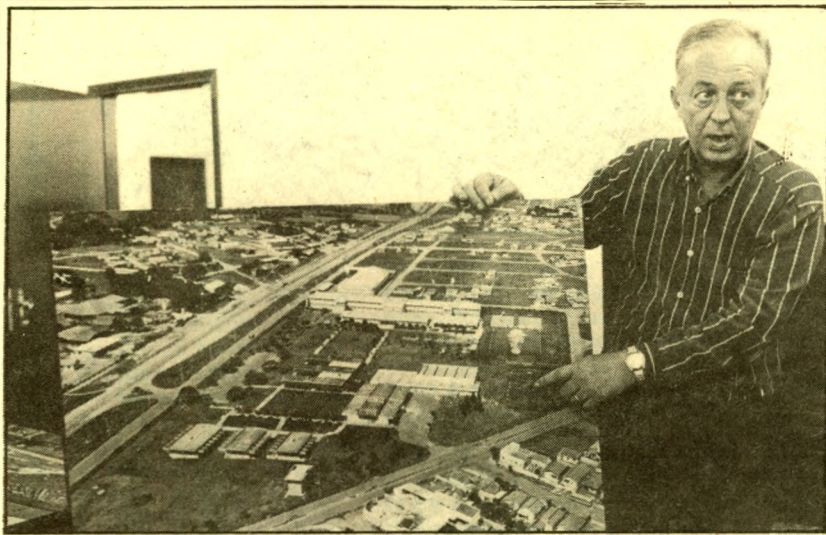
Engenharia de Limeira sonha com integração

A história da Faculdade de Engenharia de Limeira (FEL), a 62 quilômetros do campus da Unicamp em Barão Geraldo, teve início nos bancos e salas emprestados de um colégio técnico: o "Trajano Camargo". Corria o ano de 1967 e as duas classes iniciais não somavam mais que 60 alunos, transferidos, em sua maioria, de outras faculdades. Ali, como se fosse uma "inquilina" do colégio, a FEL funcionou por um período de quase três anos, transferindo-se depois para onde hoje funcionam o Colégio Técnico de Limeira (Cotil) e a Faculdade de Engenharia. Três anos mais tarde, isto é, em 1970, criou-se o campus universitário, numa área de 50 mil m^2, onde só de construção há mais de 14 mil m^2. Hoje estudam ali cerca de 1.350 alunos, 900 dos quais pertencentes aos cursos do Colégio Técnico (20% só de mulheres) e 450 da FEL (200 em engenharia e 250 nos cursos de tecnologia).

Nesses 19 anos de existência mais de 1.500 alunos já passaram pela FEL — sendo mil na área de engenharia e 500 na de tecnologia — além de desenvolver uma série de pesquisas nas áreas de construção civil, engenharia de transportes, hidráulica e saneamento. E, atualmente, através da Coordenadoria de Projetos, mantém estreito vínculo com a Secretaria Estadual de Saúde, para a qual está projetando a construção de 380 unidades básicas de saúde, sendo 280 na capital de São Paulo e 100 em cidades do interior do Estado, com capacidade para 100 e 200 leitos.

Todavia, nem tudo corre às mil maravilhas, como diz o próprio diretor da FEL, o prof. Dayr Schiozer. Há muitos problemas na escola, principalmente questões relacionadas aos cursos de graduação em engenharia civil, pós-graduação e também na área de cursos de tecnologia. Mas o prof. Dayr diz que "tais problemas não são decorrentes de questões internas à Unicamp, mas, sim, de fatores externos. O principal fator negativo é a distância que separa a FEL do campus de Campinas, dificultando a integração de alunos e professores às atividades universitárias de um modo geral".

O diretor da FEL entende que esses cursos devem ser fortes e eficazes para se interligarem a cursos de outras engenharias, uma vez que boa parte dos problemas nacionais ligados à produção, armazenamento e transportes de bens tem impacto sobre a engenharia civil. "Isso exige da engenharia civil uma perfeita integração com outras áreas como economia, biologia e humanidades", explica Dayr, enfatizando que "a escola deve estar integrada ao setor produtivo da construção civil e isto seria enormemente facilitado se ela estivesse localizada num grande centro onde a produção seja grande e a sua presença fervilhante".

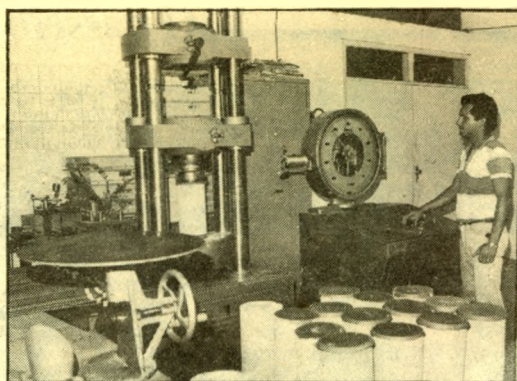
A transferência da FEL para o campus da Unicamp é um problema que há muito vem sendo discutido pela Reitoria, por docentes, alunos e pela direção da escola. Há bons argumentos. Um deles é que, com a mudança, se aproveitaria a infra-estrutura física e operacional do campus de Limeira, visando-se o centro de formação de tecnólogos com diversas especialidades afins às engenharias da Unicamp — Elétrica, Mecânica, Agrícola, Química e sub-áreas.

"A distância física de outros institutos e faculdades da Unicamp e de grandes centros dificulta essa integração", argumenta Dayr. "Com a distância a integração é constantemente desfeita, uma vez que o professor, à medida em que evolui na sua formação, abandona a escola, buscando os grandes centros e o corpo docente é constantemente desfeito, a rotatividade é alterada e os investimentos com a sua formação, perdidos". Segundo observações do diretor, "todo mundo sai perdendo nessa história, inclusive o aluno de graduação, que, ao sentir a impossibilidade de alimentar os seus anseios com a futura prática da vida, fica assoberbado, temeroso, inseguro e abandona o curso ou, no mínimo, prossegue inseguro, gerando descontentamento com a carreira escolhida".

Centro de Formação

O prof. Dayr Schiozer, por sua vez, tem um projeto que poderá atenuar boa parte desses problemas, tanto a nível de escola como também a nível de mercado de trabalho. Trata-se, em primeiro lugar, da transferência da FEL para o campus de Campinas e, em segundo, da criação de um Centro de Formação de Tecnólogos no campus de Limeira, aproveitando-se a infra-estrutura que ela já tem.

Isso poderá ser facilmente atingido, segundo o professor, com despesas de investimentos e custos operacionais "insignificantes" em virtude dos atuais valores em investimentos e despesas operacionais existentes para a operação do curso de engenharia civil de Limeira. Basta que haja interesse público real, a nível nacional, interesse socioeconômico da cidade e baixa relação custo-benefício face às outras iniciativas, inclusive as já existentes em Limeira.

"Aí então seria viável a criação de um Centro de Formação de Tecnólogos no campus de Limeira. Teríamos nesse caso dois importantes objetivos a serem cumpridos: criar uma engenharia civil forte em Campinas e aproveitar o campus de Limeira para a implantação desse Centro, com 220 vagas por ano, que não custaria aos cofres públicos mais do que um acréscimo de 25% sobre os atuais custos do que hoje a Unicamp gasta com a FEL; mais que 15% em investimentos do que até agora foi investido em Limeira", explica.

Mais de 1.500 alunos passaram pela FEL nos últimos 19 anos.

Laboratório de medição e resistência do concreto.

O prof. Dayr diz que um dos pontos frágeis da estrutura industrial brasileira e da estrutura de alguns serviços provém da falta de técnicas com a formação que se prevê para um tecnólogo de nível superior. Pode-se verificar que os cursos superiores desse nível são criados com base na demanda de profissionais na região para a qual eles se destinam. Seus currículos são apropriados para a aplicação de técnicas já existentes, com ênfase em disciplinas profissionalizantes. São cursos que possuem mais flexibilidade curricular que os cursos superiores de grande duração, pois seus programas são facilmente adaptados às situações novas de mercado.

Os cursos para formação de tecnólogos, na visão do prof. Dayr, devem ser extremamente dinâmicos com um total acompanhamento de mercado de trabalho que permita a instalação de novos cursos, assim como a suspensão de cursos existentes quando o mercado de trabalho indicar sintomas de saturação.

Pesquisas

Os três departamentos da FEL (Departamento de Construção Civil, Departamento de Engenharia de Transportes e Departamento de Hidráulica e Saneamento) têm uma série de pesquisas concluídas e em desenvolvimento.

Além de pesquisas eles prestam serviços externos para prefeituras e empresas de construção civil, terraplenagem etc. As principais linhas de pesquisas do Departamento de Construção Civil são o estudo de estruturas de concreto armado e protendido, estruturas metálicas e de madeira, e análises numéricas de estruturas, além de trabalhos experimentais na área de materiais de construção e na área de arquitetura e planejamento.

O Departamento de Hidráulica e Saneamento tem suas pesquisas centradas basicamente nas áreas de Recursos Hídricos e Saneamento. A primeira relaciona-se ao estudo das vazões e pequenas bacias, escoamentos e incompressíveis ao redor de corpos submersos, transportes e sedimentos e condutos forçados, hidráulica fundamental etc. Na segunda, saneamento: tratamento de águas e abastecimentos, tratamento de esgotos domésticos e tratamentos de resíduos sólidos.

Já no Departamento de Engenharia de Transportes as pesquisas mais importantes relacionam-se com a análise da colapsibilidade de solos porosos, pré-adensamento de argilas, compactação de solos, e análise crítica do cálculo de arredondamento em curvas ferroviárias.

Biblioteca

Para dar suporte ao ensino e à pesquisa, a biblioteca da FEL possui um acervo de 10.750 volumes técnicos, abrangendo todas as áreas da engenharia, e 765 títulos de periódicos correntes, sendo 227 estrangeiros e 46 nacionais. O número de consultas e empréstimos atinge uma média de 70 livros por dia.

Walter Zink Neto, presidente do DA "Paulo D'Andréa", coordenador do Centro Acadêmico "X de Dezembro" e aluno do 5.º semestre do curso de Engenharia Civil, é de opinião de que "Limeira não comporta uma faculdade da engenharia, mas, sim, uma escola com cursos tecnológicos, de graduação, devido ao mercado de trabalho existente aqui, o que seria mais importante e de maior aproveitamento". Ou seja, a criação de um Centro de Formação de Tecnólogos, como propõe o prof. Dayr. Sobre os cursos da FEL, Zink diz que, em termos de graduação, os cursos efetivamente são bons. Cursos que têm tido dificuldade em manter um padrão semelhante ressentem-se, exatamente, segundo ele, do problema da distância, que inviabiliza o intercâmbio entre as áreas de pesquisa de engenharia civil e as demais engenharias da Unicamp.

"Em termos de graduação, sentimos falta de todo o meio cultural e até de matérias extracurriculares que as outras faculdades têm e nós não", diz ele. Ao lado disso está a própria especialização dos engenheiros civis, que diz respeito à coordenação de aulas e estágios, devido ao mercado de trabalho reduzido de Limeira, em comparação ao de Campinas. Segundo Walter Zink, de algum tempo para cá a procura dos cursos da FEL tem sofrido uma sensível queda. Hoje, segundo o estudante, 50% dos alunos têm suas famílias morando em Campinas; "somente um aluno é daqui de Limeira e o restante é de outras cidades da região".

Para ele, uma coisa importante na vida do estudante é o contato dele com alunos de outras áreas de conhecimento. "Não é só o diploma que faz com que o indivíduo seja um bom engenheiro, mas também o embasamento cultural que ele puder obter através da vivência e da troca de informações", acrescenta.

Walter Zink prefere cursos tecnológicos.

O Cotil, 20 anos depois

O Colégio Técnico de Limeira é, hoje, uma escola um tanto mudada, bem diferente daquelas duas salas no "Trajano Camargo", há vinte anos. Em suas amplas dependências circulam diariamente 900 estudantes dos cursos de Mecânica, Edificações, Estradas, Enfermagem e Supletivo de Qualificação IV (técnico em mecânica).

Apesar de não ter como objetivo principal o vestibular, a instituição pretende formar técnicos a nível médio com imediato aproveitamento nas faculdades de grande parte de seus alunos. Segundo o prof. Edenilson Simões, diretor do Colégio, embora haja dificuldades, o Cotil é uma escola de bom nível qualitativo.

Atualmente o Colégio está empenhado em concluir a construção da oficina mecânica, com fornos, fresas, plainas, furadeiras, retíficas, bancadas de ajustagem e salas de medição, assim como a aquisição de novas máquinas para os laboratórios e oficinas. Isso vai possibilitar, segundo Edenilson, que os alunos possam efetuar suas aulas práticas na própria escola, uma vez que estas são realizadas nos primeiros dois anos do curso na Escola Profissionalizante Luiz Varga, Senai de Limeira e no último ano nas oficinas do próprio "Trajano Camargo".

Há ainda, em fase de conclusão, o curso de Processamento de Dados, que vai entrar em funcionamento brevemente. Por outro lado, o prof. Edenilson adianta que, quanto aos cursos já existentes, está havendo uma reformulação de currículo para adaptação às necessidades do aluno.

Atualmente o corpo docente do colégio é constituído por 62 professores, 34 funcionários e 873 alunos, distribuídos nos cursos de Técnico em Mecânica, Supletivo de Qualificação IV (técnico em mecânica), Técnico em Edificações, Supletivo de Qualificação IV (técnico em edificação), Técnico em Enfermagem e Técnico em Estradas.

Edenílson, diretor do Cotil: novos cursos.